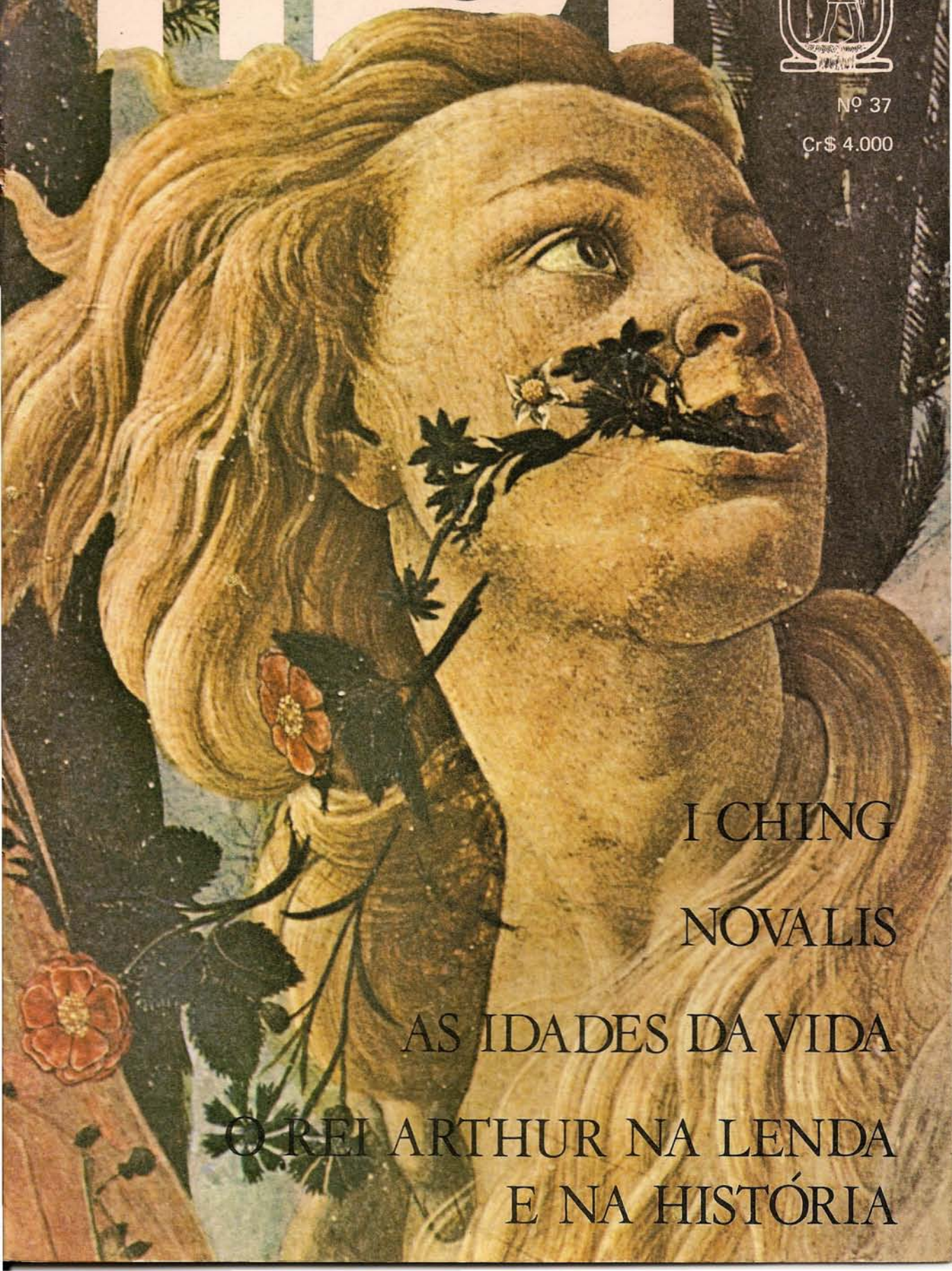


THOT



Nº 37

Cr\$ 4.000



I CHING

NOVALIS

AS IDADES DA VIDA

O REI ARTHUR NA LENDA
E NA HISTÓRIA

PALAS ATHENA

CENTRO
DE ESTUDOS

PALAS ATHENA

Rua Antonio Alves, 21 - 85 -
Altos da Cidade -
Bauru - S.P.

CENTRO
DE ESTUDOS

PALAS ATHENA

Av. Cristovão Colombo, 2149
sala 315-Floresta
PORTO ALEGRE
RS

**Um Centro
de Estudos
Filosóficos
para quem busca
viver filosoficamente.**

**CURSOS CONFERÊNCIAS
CICLOS CULTURAIS CON
CERTOS BIBLIOTECA FIL
MESEXPOSIÇÃO ESCORAL**

Rua Leôncio de Carvalho, 99, Paraíso, S P
- fone: 288.7356



THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo "Kem". É o símbolo da Sabedoria e da Autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de Ibis, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde pesarão na balança da justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria, da astronomia e das letras. A cruz (Tau, no Egito) que leva em sua mão, é o símbolo da vida eterna, seu bastão, emblema da Sabedoria Divina.

EDITORES

Associação PALAS ATHENA do Brasil
Lia Diskin
Basílio Pawłowicz
Primo Augusto Gerbelli

PRODUÇÃO

Sérgio Marques; Carla Teso; João Fernandes Filho; Adalberto A. Cabral; Maria Inês Facchini.

EQUIPE THOT

Emílio Moufarrige Jr; Lucia Brandão Saft; Lucia Benfatti; David Cohen; Marina Moraes; Lucy Blumental; Mara Novello; Fátima Flores Jardim; Rosa Indáttillo; Therezinha Siqueira Campos; George Barcat; Renata De Cesare; Isabel Cristina M. de Azevedo; Nilton Almeida Silva; Eduardo Chohfe.

FOTOLITO CAPA

Polychrom

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Gráfica PALAS ATHENA
Fone: 279-6288

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida reprodução, citando origem. Os números atrasados são vendidos ao preço do último número publicado. Assinatura anual: Cr\$24.000,00 — cheque em nome da Associação PALAS ATHENA do Brasil; rua Leônicio de Carvalho, 99 — CEP 04003 — Paraíso — São Paulo — SP. Telefone: 288.7356. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula n. 2046/Registro no DCDP do Departamento de Polícia Federal, sob n. 1586 P 209/73.

ÍNDICE

Editorial	2
O Rei Artur na Lenda e na História <i>Teresa de Barros Velloso</i>	3
O Idealismo Mágico de Novalis <i>George Barcat</i>	7
As Idades da Vida <i>Lucia Benfatti</i>	11
A Queda do Homem e sua Evolução conforme a Bíblia <i>Ilse Maria Spath</i>	15
Introdução ao I Ching <i>Gustavo Alberto Corrêa Pinto</i>	19
A Terra de Chichén-Itzá e a Princesa Sac-Nicté <i>Antonio Mediz Bolio</i>	25
A Linguagem Simbólica no Processo de Religião: Homem - Infinito <i>Yolanda Lhullier dos Santos</i>	30
A Arte Rupestre Brasileira <i>Tonyan Khallyhabby</i>	33
Judô de Kôdôkan — História e Filosofia <i>Eico Suzuki</i>	36
Por motivos de força maior, não estamos publicando neste número a continuação do artigo do Prof. Dr. Ignácio da Silva Telles, intitulado "À Guisa de uma Introdução ao Estudo da Kabbala"; entretanto, o mesmo terá continuidade nos próximos números.	



CAPA:

"A Alegoria da Primavera", de Sandro Botticelli. Detalhe das três Graças.

EDITORIAL

Querido leitor:

No patamar de 1985, envolvidos numa atmosfera de promessas e renascer de esperanças, apreciávamos os inúmeros cartões de Natal recebidos, espelhando neles nossos próprios desejos de paz, harmonia e beatitude. Dentre os belíssimos motivos, a imagem de Nossa Senhora, reproduzida na arte incomparável dos renascentistas, nos mostrava o Menino Deus como símbolo resplandecente do novo ano que nascia.



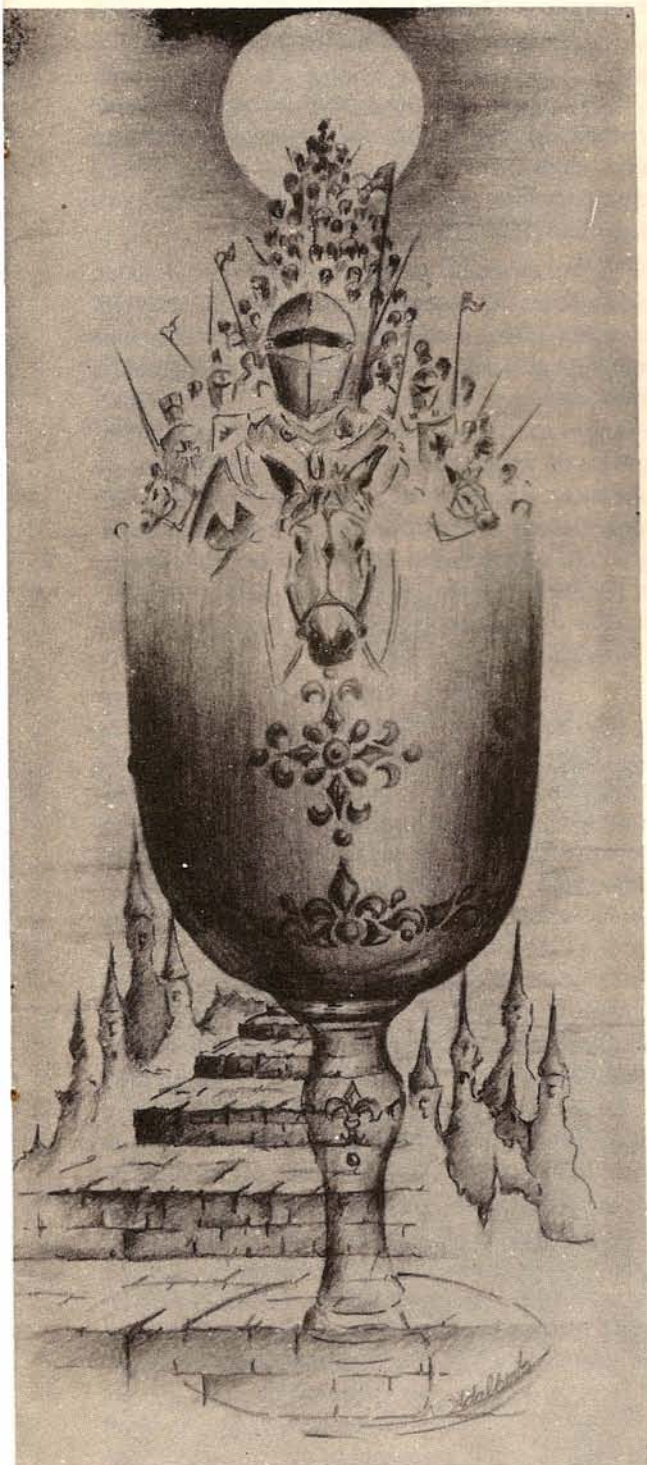
Entretanto, antes que estas imagens abandonassem nossas vistas, foram brutalmente ofuscadas por uma outra "Madona" e seu filho: a mãe etíope. Suas fotos reproduzidas em jornais e revistas, seu patético semblante aquém do humano, é uma bofetada em nossas consciências saturadas de "Direitos Humanos". E, se as imagens de nossos cartões natalinos revelavam uma epifania que manteve as esperanças dos homens de boa vontade por séculos e séculos, esta outra é uma epifania de nossa frustração, de nossa impotência e de nossa dor. Dor que nasce de nossas entranhas espirituais; impotência por sabermos que ainda andam a solta a barbárie e a sem-razão; frustração ante a inesgotável sede de justiça e amor.

Toda miséria física manifesta a quase invisível miséria espiritual; o primeiro pauperismo nasce da ausência de alimento para a alma, sem o qual nos tornamos cegos e surdos, omissos de tanto acariciar nosso egoísmo.


Assim, o trágico quadro que nos tem revelado este nascente 1985 nos exorta a redobrar esforços, a tornar fecundas nossas lutas diárias em prol de uma Fraternidade sem fronteiras, para que a vida nunca mais tenha que acusar a morte da tremenda injustiça cometida com ela!

BASILIO PAWLOWICZ

O Rei Artur na Lenda e na História



"Por mais que a obra e o tempo tenham passado, o espírito que animou a realização da obra continuará vivo para sempre." (Eckhardt)

 rei Artur não é mero personagem de romance: é profundamente simbólico. Essa a razão do seu fascínio e da facilidade com que nos identificamos com ele.

Artur não é excepcional guerreiro, há outros maiores que ele na saga; nem é grande governante, houve reis mais brilhantes que ele. Mas a pedra de toque de sua magia é ser ele o rei predestinado, o ungido, aquele que remata toda a força de um ciclo.

Em Gales e Irlanda, no século XI, as tradições orais sobre Artur e seus cavaleiros corriam de boca em boca; Geoffrey de Monmouth irá coligi-las e escreverá a *Historia regum britannie*.

Robert de Borron (século XIII) ligará as lendas da Távola Redonda com aquelas de Merlin, Percival, José de Arimatéia, Galaaz, Lancelote e Guinèvre.

Foi, entretanto, Chrétien de Troyes (século XII), na França, quem ligou as versões e personagens do ciclo arturiano, de tal maneira que sua versão se tornou fonte de inspiração de todos os autores ingleses posteriores que trataram do assunto.

Ele escreverá cinco romances sobre Artur e seus cavaleiros com forte sabor amoroso e erótico.

O Ciclo Vulgar (1.225) baseia-se, entretanto, não nos romances de Chrétien de Troyes, mas em um antigo romance em prosa sobre Lancelote, Guinèvre e Galaaz. Uma das narrações desse ciclo é a

"Conquista do Graal", com forte conotação mística e religiosa, onde se pressente a influência de um Bernard de Clairvaux. Galaaz nessa narrativa busca a visão divina através do Graal, e Lancelote, adúltero, é alguém que progride no caminho místico através da vida penitencial. Em 1.240 aparece uma narrativa em prosa, ligada ao ciclo arturiano, onde pela primeira vez surge a lenda dos amores de Tristão e Isolda.

Thomas Malory é, sem dúvida, o trovador oficial do rei Artur. Tentará colocar em linguagem do século XV toda a beleza e emoção da saga arturiana. Em "*Mort d'Arthur*" dará vida a Artur, Guinevere, Lancelote, Percival, Galaaz, Merlin, fazendo-os próximos à mentalidade de sua época. De tal forma ele os anima de vida e paixão, que desperta enorme interesse dos cronistas ingleses, seus contemporâneos, até que, na época dos Tudor, Spencer incorporará as belas lendas celtas à mitologia nacional inglesa.

Milton será um assíduo leitor das lendas arturianas, os antiquários no século XVIII se interessarão pela época do rei Artur e, no século XIX, a popularização dessas lendas favorecerá o medievalismo na arte e religião, inspirando Tennyson e Swinburne.

Nênio, em sua *Historia Britanorum*, dará o fio da meada para que Geoffrey reúna tradições celtas, ligue-as a reminiscências clássicas e cristãs e crie a fascinante figura de Artur. De tal forma isso é feito que a realidade histórica arturiana de um "dux bellorum" celta em luta contra anglos e saxões nos séculos V e VI passa a um segundo plano; cresce o Artur simbólico, imagem do poder régio central, ligado à tradição hiperbórea com características super-históricas.

A edição mais antiga de Malory é a de William Caxton (1.485); posteriormente se encontrou na biblioteca do Winchester College um outro manuscrito de Malory editado sob a competente orientação do Prof. Eugène Vinaver em 1.947.

Onde termina a história e começa a lenda?

Difícil afirmarmos com precisão. A lenda se perde na aurora dos tempos; a versão celta foi à Índia e retornou com as migrações, atingindo Grécia, Geórgia Russa, Alemanha, Normandia, Ibéria, Gália Céltica, Bretanha, Irlanda, Escócia, aí adormece e arebentará com enorme vigor, como floração, nos séculos XI e XII.

Malory situa Artur no século V mas veste-o com armaduras do século XV e impõe ao rei e seus cavaleiros códigos de honra dos séculos XII e XIII; como pano de fundo das aventuras cavaleirescas há campinas destruídas pela Guerra das Rosas e chega-se a afirmar que Galaaz é da oitava geração de José de Arimatéia, e Lancelote descendente em sétimo grau

de Jesus Cristo. Todas essas incongruências não diminuem a força e a beleza da saga arturiana. A própria relação do reinado de Artur com a Inglaterra parece ser puramente acidental, pois na literatura medieval seu reinado tem significado supranacional; toda a cristandade heróica da época via em Artur seu chefe simbólico; a maior ambição de qualquer cavaleiro era ser membro da Ordem da Távola Redonda.

Qual o motivo do fascínio da lenda arturiana?

O ser humano procura inconscientemente a remota sensação mítica, não a sensação do homem diário, cujos pensamentos periféricos mudam com o vento, enquanto as percepções míticas expressam realidades universais e perenes.

O nome Artur tem várias explicações, sendo que a mais autorizada é a da origem celta-latina: *arthos* (urso) e *viros* (homem). Representa uma força viril que infunde espanto e se relaciona com o simbolismo de origem hiperbórea, encerrando a idéia de função central ou polar. O urso é um dos símbolos sagrados do antigo culto nórdico e no simbolismo astronômico corresponde à constelação polar Ursa Maior. Os textos tradicionais relacionam essa constelação com o simbolismo do pólo ou centro relativo a ela; no Antigo Testamento — Jó (IX-9,38) — e na Antiguidade — Homero —, há referências à constelação da Ursa Maior.

Na figura de Artur temos o elemento polar, hiperbórico e régio. O aspecto viril e guerreiro de Artur é abrandado por uma espécie de contrapartida sua: Merlin, possuidor de um saber e poder supramateriais, que o fazem ser a personificação do lado transcendental e espiritual do próprio soberano. A íntima relação entre Artur e Merlin personifica os princípios guerreiro e espiritual característicos da cavalaria arturiana.

A cavalaria da Távola Redonda não é só guerreira; os eleitos que fazem parte dela sentem-se mais abençoados e dignos de veneração, como se tivessem obtido metade do universo, pois deixam tudo e todos — pais, esposas, amantes, filhos, bens — para seguir a Ordem. O próprio Graal, no fundo, representa o elemento transcendental com que os cavaleiros aspiram a se completar e muitas vezes o reino de Artur se confunde com o do Graal.

Na lenda, Merlin, ao ordenar aos guerreiros que removam enormes blocos de pedras de longínquas pedreiras, exclama: "Ponham mãos à obra, valerosos guerreiros, aprendam, baixando essas pedras, se é a força que supera o espírito ou é o espírito que supera a força!". A virtude guerreira, na saga arturiana, é espiritual, é a antiga concepção da ética tradicional do tipo heróico. Herói é aquele que, não tendo natu-



Só uma pequena minoria dos homens percebe que o Graal é a superação da antítese entre guerreiro e sacerdote, titã e herói, e que Artur e seus cavaleiros são os últimos buscadores desse ideal heróico.

reza olímpica, é capaz de consegui-la vencendo a espiritualidade lunar e a virilidade materialista, isto é, o sacerdote e o guerreiro ou titã.

Hércules, o clássico exemplo do herói, luta contra Hera, rainha do culto lunar; é apoiado por Zeus, princípio olímpico, contra os gigantes. O herói é o mediador entre o princípio olímpico e o elemento titânico (Prometeu) que vencerá, se libertará e se reconciliará com Zeus. O titã é aquele que não aceita a condição humana e anseia arrebatador o fogo divino. O tipo titânico, ou guerreiro, no fundo é matéria prima do herói.

O herói deve confirmar suas qualidades viris (nas gestas cavaleirescas através de aventuras e combates), mas de tal maneira que não deixe de se abrir para uma força transcendental, que faz com que o fogo se faça luz e se liberte. Essa libertação não deve significar o fim da tensão interior; por isso o herói há de sempre ter uma prova para reafirmar a qualidade viril no plano supersensível, e, em consequência, conseguir a transformação olímpica, aquela dignidade que nas tradições é chamada régia. Isso diferencia a experiência heróica de toda evasão mística ou confusão panteísta.

A lenda arturiana é também uma das muitas formas do mito geral do imperador ou dominador universal invisível e suas manifestações. É um motivo muito arcaico e relaciona-se de certa forma com as manifestações cíclicas dos avatares, que são manifestações, em certas épocas, de um princípio único que nos períodos intermediários existe em estado latente.

Avalon, o retiro arturiano, pode ser comparado com o retiro de Enoch e Elias, profetas não mortos, mas arrebatados, que, segundo a tradição popular, reaparecerão um dia.

No túmulo de Artur havia a inscrição: "Aqui jaz Artur, rei de hoje e rei do futuro". Cada vez que um rei apresenta características de encarnação do princípio único, surge a idéia de que não morreu, voltará, despertará. Observamos isso nas lendas do regresso de Carlos Magno (século IX), D. Sebastião em Portugal (século XVI), o filho de Luís XVI (século XVIII) e até em relação ao próprio Cromwell.

No reinado de Augusto as profecias anunciavam um soberano solar nos versos de Horácio e invocam o deus hiperbóreo da nova idade de ouro: Apolo. Virgílio, na 4a. Écloga, anuncia de forma semelhante a iminência de uma nova idade áurea de Apolo e dos heróis.

A teoria de Roma eterna, centro do mundo, liga-se à percepção de uma relação dessa cidade com o princípio super-histórico e metafísico do *Imperium*.

Muito interessante é que Lactânio, escritor latino e cristão do século III, fala de um poderoso príncipe, que restabeleceria a justiça após a queda de Roma, e viria das extremas regiões do norte (Hiperbórea).

As imagens de Artur e seu cavaleiros, em longas corridas e caçadas, nos lembram o Walhala, sede de Odin, chefe dos heróis divinos, e as Valquírias, todos formando um enorme exército místico que combaterá na última batalha os seres elementais. Essa lenda e suas variantes se repetirá sem cessar nos quatro cantos do mundo, nas sagas cavaleirescas, em São João e a batalha de Armagedon, entre os gibelinos, com seu mito do imperador que *vivit sed not vivit*. No mito de Artur, a lenda anima-se de força e vida sugestiva em um último e supremo esforço do Ocidente de se reerguer como grande civilização viril e imperial.

A eterna fascinação do mito arturiano é que os temas cavaleirescos desse ciclo e do Graal, não sendo cristãos, remontam às longínquas eras da humanidade; relacionam-se com um Ideal que está muito além da História e está vagamente presente no inconsciente de cada ser da espécie humana. Só uma pequena minoria dos homens percebe que o Graal é a superação da antítese entre guerreiro e sacerdote, titã e herói, e que Artur e seus cavaleiros são os últimos buscadores desse ideal heróico.

A Távola Redonda tem a forma do mundo; nela estão o universo terrestre e celeste. Os cavaleiros que se sentam ao redor dela representam o poder central ordenador. Eles são 12, número solar, sempre presente onde se situa ou se constitui um centro tradicional. Na Távola Redonda há um lugar vazio destinado a um cavaleiro predestinado, que seria chefe ou pólo dos 12 e imagem do próprio Çakravarti, o Rei do Mundo. O simbolismo do posto vazio é de um estado de decadência e necessidade de restauração. O Graal e o ciclo arturiano se entrelaçam profundamente; aquele é o símbolo do Conhecimento perdido, que será reencontrado. Só quem possuir o Graal ocupará o posto vazio da Távola Redonda.

Olhando para o passado, vemos que as ordens monásticas desempenharam um papel importante no caos instaurado pela queda do império romano. Elas foram as guardiãs do Conhecimento.

E, pensamos nós, uma ordem, em termos de uma nova Ordem da Távola Redonda, deveria ser de importância decisiva no mundo atual com sinais de decadência e desmoronamento. Seria então a luta heróica, restauradora, contra as formas titânicas modernas de ânsia de poder e as formas lunares extrovertidas, condicionadas por um mediador da atual religião devocional que impele a rebelião dos heróis restauradores.

O ideal seria que alguns percebessem o momento exato de agir e esse momento viria, quando as forças titânicas encontrassem seu limite e completassem seu ciclo. Quem vivesse e compreendesse tais realidades penetraria em uma dimensão de realidades super-históricas, teria a certeza de que o centro invisível, inviolável, o soberano que despertará como um novo Artur, o herói restaurador, não são quimeras de um passado morto, romântico, mas verdades dos que hoje podem ser chamados despertados, daqueles que possuem ouvidos de ouvir e olhos de ver, aqueles que lentamente iniciam a volta para a Pátria ancestral.

TERESA DE BARROS VELLOSO

BIBLIOGRAFIA

El rey y el cadáver, Heinrich Zimmer, Marymar, Buenos Aires, 1977.

Los hechos del Rey Arturo y sus nobles caballeros, John Steinbeck, Edhasa, Barcelona, 1979.

Le roi du monde, R. Guénon, Hachette, Paris, 1927.

O Idealismo Mágico de NOVALIS

Alguns homens atravessaram os céus da história como magníficos núncios siderais, a indicar com suas ardentes caudas sendas que uma nação, ou mesmo a humanidade, precisou ou ainda precisa desbravar. Suas almas pertencem à idade de ouro da qual Hesíodo e Platão nos falaram com sentida nostalgia.

Como seus pares no mundo da matéria, esses homens só se deixaram observar durante pouquíssimo tempo; não obstante, suas vidas breves ofereceram maravilhas sem conta aos olhos dos que tiveram a dádiva de as poder contemplar com os poderosos telescópios da compreensão. Hoje, enquanto eles prosseguem em suas viagens pelo Universo das Formas Sutis, suas criações nos servem como bálsamos que acariciam nossos corações constangidos pela saudade.

Friedrich von Hardenberg, mais conhecido por Novalis, — título nobiliário que tomou de um de seus antepassados — é um desses cometas do espírito. O trânsito do espetaculoso Novalis carregou as nuvens da Arte de sua pátria e da Europa, e precipitou chuvas da mais pura e arrebatante poesia, cujas águas confluíram com os rios da Beleza Infinita que irrigaram uma das florescências mais encantadoras e criadoras do gênio humano: o Romantismo Alemão.

F. von Hardenberg nasceu em Wiedersdorf, na Saxônia, a 2 de maio de 1772. Seu pai, Erasmo von Hardenberg, um pietista fervoroso, era um bem sucedido diretor de minas e salinas. Após a mudança de sua família para Weissenfels em 1787, ele morou durante cerca de um ano na casa de seu tio, F. Wilhelm von Hardenberg, situada na comarca de Brunswick. Ali, devido à posição de seu parente, ele teve oportunidade de conviver com homens cultos e interessantes. Foi nesta época que o juvenzinho de feições délicas entrou em contato com a literatura de seu tempo; sua vida transcorria segura e tudo aponta que era feliz. Como membro da aristocracia, F. von Hardenberg deveria seguir a carreira da administração pública e, em 1790, seu pai o encaminha à Universidade de Jena para estudar Direito; tinha então 18 anos. Entretanto, seu interesse concentra-se na História, na Matemática e nas Ciências da Natureza.

O nosso poeta, que segundo Wilhelm Schlegel “surgiu libertado da terra para errar com os



NOVALIS

passos largos do espírito”, tomou o lugar de Hardenberg precisamente na vibrante Universidade de Jena, coração cultural da Alemanha Idealista. Os pensadores kantianos foram as artérias vitalizadoras deste coração. Fichte, Schelling, Hegel, Schiller, Tieck, os irmãos Schlegel, e inúmeros outros, respiraram o ar desta cidade, completamente ionizado pelo mais inspirado dos romantismos. Do ducado de Weimar, Goethe — que para W. Dilthey⁵ foi “generosamente dotado pela natureza com todos os dons que ela tem: beleza, grande vigor de vida e um poderoso gênio criador” — exercia uma influência tentacular nesses cultivadores do que há de melhor no homem.

O Romantismo Alemão enunciou seus postulados na última década do “Grande Século”, o século XVIII. Os poetas românticos movimentaram suas penas para afrontar as proposições que conceituavam a visão de mundo dos filósofos iluministas. Os intelectualistas — talvez os primeiros filósofos a se preocuparem com os aspectos eminentemente práticos do cotidiano — sustentavam, grosso modo, que o único pingente capaz de abrir as cortinas que escondem a Realidade chama-se Razão; qualquer coisa não iluminada pela “luz” irradiada da Razão era tida co-

mo desprovida de sentido. Porém, as guerras napoleônicas magoaram o mundo e o entusiasmo original pela Revolução Francesa — que fez bulir no peito dos jovens a esperança de um futuro justo e digno, transmutou-se em muitos em doída desilusão. O mesmo grito de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, que levou Benjamin Franklin a declarar seu desejo otimista de que o movimento iniciado “agisse como o fogo sobre o ouro: purificando sem destruir”, obrigou Edmund Burke a afirmar, anos mais tarde, que a fé nos direitos inalienáveis do homem “não passava de um convite à insurreição e à anarquia”¹. Este novo clima que começava, naquela época, a se espalhar pela Europa, foi uma das principais causas da inspiração romântica de que no âmago do mundo concreto, inteligível e aberto aos sentidos do corpo, existe um mundo insuspeitável, acessível apenas aos portadores de imaginação e sentimentos poéticos. Este mundo, completamente transparente à Razão, é o verdadeiro mundo: “se queres penetrar no íntimo da Física, deixa-te iniciar nos mistérios da poesia”. “O Universo não pode ser nem explicado nem conhecido, apenas pode ser intuído e revelado”, dizia Friedrich Schlegel.

A filosofia de Fichte foi um dos sustentáculos teóricos mais importantes da nova concepção de mundo e vida que surgiu; Novalis foi fortemente influenciado por ela. No pensamento fichtiano, o mundo sensível emana de um “Eu” transcendental. Princípio fundamental, este Eu subjaz às consciências individuais, como entidade ativa, pura, livre, absoluta. No fundo de todos nós habita esta essência divina, acessível à nossa “intuição intelectual”. Esse Eu que é puro ato, vontade moral, produz o “Não-Eu” (toda a multiplicidade dos fenômenos) segundo moldes da “imaginação produtora”, aliás inconsciente. “Longe de ser fantasia arbitrária e quimérica, atua segundo categorias “transcendentais” (supra-sensíveis) e sem que notemos a sua atividade, independentemente da nossa consciência”². Fichte entendia que o exterior é mero reflexo do interior; a propósito, esta é a característica marcante do Idealismo Alemão; o mundo que acreditamos existir fora de nós é na verdade consequência da força criadora da intuição, da vontade e da Idéia. “O claro, o compreensível, o útil, o prático é para o idealista alemão o irreal, o que não tem importância. A verdadeira realidade negada e desconhecida pelo utilitarismo dominante só se encontra na vida da Idéia”³. A atitude idealista de atribuir a supremacia absoluta da Idéia — do espiritual — sobre a realidade tangível é o cordão umbilical que uniu os filósofos

do idealismo aos poetas da geração de Novalis. Cientes dela, podemos entender o verso de Holderlin: “O homem quando pensa é apenas homem, mas quando sonha é quase um Deus”.

Poesia e Filosofia se fundiram numa liga de rara pureza; Hegel, um dos químicos responsáveis por ela, nos revela a fórmula preciosa: “O objeto verdadeiro da poesia é o reino infinito do espírito. Efetivamente a principal missão da poesia consiste em evocar à consciência a potência da vida espiritual, e tudo aquilo que, nas paixões e sentimentos humanos, nos estimula e nos comove ou desfila tranqüilamente diante do nosso olhar meditativo, quer dizer, o reino ilimitado das representações, das ações, das façanhas, dos destinos humanos, a marcha e as peripécias do mundo e a maneira como ele é regido pelos deuses”⁴.

Ouvimos o filósofo; ouçamos, por justiça e para deleite, com a pele e com a alma, o poeta Novalis:

Quando a chave de todas as coisas
não for figuras ou cifras
quando aqueles que cantam e se beijam
possuam maior ciência que os sábios,
quando a vida livre ao mundo retorne,
quando a terra regressar ao seu interior;
quando novamente luz e sombras
se unam e engendrem a claridade verdadeira;
quando em poemas e mitos virmos
as histórias eternas do mundo,
uma única, secreta palavra
afugentará todo ser dissonante.

Se a obra de Fichte sugere a Novalis que “os órgãos do pensamento são a geração do mundo, as partes genitais da Natureza”, Schiller mostra-lhe as riquezas artísticas e filosóficas da Idade Média, e sua obra *Da Educação Estética do Homem* insufla em nosso poeta uma concepção do Belo que identifica o estético ao moral, e que no seu Idealismo Mágico viria tomar a forma de “moralização da natureza”⁷: “O que é Natureza? Um índice enciclopédico, sistemático, ou um plano do nosso espírito. Por que é que queremos contar-nos com o simples catálogo dos nossos bens? Contemplemo-la em nós mesmos e então elaborá-la-emos e servir-nos-emos dela de modo diverso”.

Novalis era profundamente pietista. O pietismo é um movimento religioso surgido no século

XVII para combater a exagerada intelectualização da fé cristã. Esta corrente reformista estimulava o acalanto da “piedade”, isto é, da abnegação e sacrifício pelo bem do próximo. Os pietistas são místicos, portanto, são cristãos que acreditam no caminho interior para Deus, ou seja, no caminho construído pela experiência íntima do devoto, pelo seu próprio e individual relacionamento com Deus. A Teologia, a fé doutrinária, causa-lhes insatisfações. “Um grão de verdadeira fé vale mais do que um quintal de erudição histórica, e uma gota de caridade, mais do que um oceano de ciência” — uma citação pietista bastante repetida.



Ludwig Tieck

Foi a morte da amada Sophie von Kühn, em 1.797, que despertou o sentimento místico adormecido em Novalis. Não propriamente a morte, mas uma visita de Novalis à tumba de Sophie, em maio daquele ano. O amante descreve em seu diário o instante trágico e encantador, digno da vida de um grande poeta: “Ao cair da tarde, depois de ter lido Shakespeare, fui ter com Sophie. Lá experimentei uma felicidade indizível — momentos de entusiasmo, como relâmpagos — vi como a tumba se dissolvia diante de mim numa nuvem de pó — séculos em momentos — sentia a proximidade dela — pressentia que iria aparecer de um momento a outro”. Depois desta experiência, Novalis inicia a composição dos belíssimos *Hinos à Noite*, que terminaria somente em 1.799. Encontra-se nestes *Hinos* a essência do pensamento novaliano. O terceiro dos seis poemas que compõem os *Hinos* dá vida poética à cena que relatamos; sua última frase é:

“Foi o primeiro e único sonho — e desde então, somente desde então, sinto uma fé eterna, uma confiança imutável no Céu da Noite e na luz deste Céu: a Amada”. Se nos fiarmos na impressão que Tieck tinha de Sophie, o amor de Novalis é plenamente justificável: “Todos os que conheceram a amada de nosso amigo concordam que seria impossível expressar com palavras a graça e o encanto celestiais com que se movia este ser supraterrâneo e a beleza que irradiava, a ternura e a majestade que revestiam sua figura”.

Novalis desejava ver definitivamente unidas a Filosofia, a Poesia e a Religião: “A Fábula, do mesmo modo que a virtude, é a divindade atuando de uma forma imediata entre os homens; é o maravilhoso reflexo do mundo superior. Através do poeta, fala a voz superior do Universo, uma voz que com palavras mágicas o invoca a mundos mais alegres e mais conhecidos”.

A unidade espírito-natureza é arquitetada no seio do Universo, contudo, jamais ela poderá ser dada por concluída, consumada. A atividade eterna é sua característica fundamental. “O universo se decompõe em infinitos mundos, que por sua vez se integram em mundos cada vez mais amplos.” Todavia, este dinamismo não é caótico; ele tem um sentido bem definido. “Todos os sentidos são, no fim, um único sentido. (...) Um sentido vai conduzindo, pouco a pouco, todos os mundos.” Este sentido é Deus, “do qual o mundo é, literalmente, o poema — o Verbo”⁷. A consciência é a responsável pela ordenação deste sentido. “Cada coisa tem seu tempo próprio e seu modo de pensar. Toda inclinação, toda habilidade que a meditação converta em imagem do mundo, passa a ser uma manifestação, uma transformação da consciência.”

Dentre todos os seres e todas as coisas, o homem é o que possui maior consciência do movimento ascensional para Deus, e é o único capaz de um ato de vontade, de decidir seu próprio destino. O homem é o “mago” do universo.

Novalis concebia a “magia” como sendo a capacidade de dominar a consciência e, por conseguinte, dominar o incompreensível. Evidentemente, são poucos os homens que conquistam a condição de magos. “O poeta é o verdadeiro mago.” O poeta faz “uso ativo, voluntário, produtivo dos nossos órgãos”. Mas a nós, os não artistas, Novalis deixa uma esperança, um consolo amável: “Quase cada homem é em menor grau um artista. Na realidade ele vê para fora e não para dentro. A diferença principal é que o artista

nos seus órgãos animou o núcleo da vida que se forma por si mesma, elevou ao nível do espírito a excitabilidade dos mesmos convertendo-os em espíritos, e, por conseguinte, é capaz, sem condições e sem solicitações exteriores, de irradiar idéias por meio deles, de os utilizar como instrumentos de quaisquer modificações do mundo real; pelo contrário, no não-artista só reagem ao comunicar-se-lhes uma solicitação exterior, e o espírito como matéria inerte parece submeter-se a essa coação."



Continua Novalis: "Quem dominar o órgão absoluto (o órgão do pensamento) será gênio completo". "Magia é o estado de genialidade total."⁸ Novalis mergulha ainda mais fundo: "Porventura dependerá do homem animar a matéria; coagirá os seus sentidos para que produzam para ele a forma que ele exige. Então, quando o achar por bem, será capaz de separar-se do seu corpo; verá, ouvirá e sentirá o que quiser e a qualquer respeito."

Sem dúvida, é-nos difícil conceber um sentimento de confiança na intuição e na potência criadora do Eu humano maior do que a manifestada no Idealismo Mágico de Novalis. Mas...

É pecado pensar isto?
Não, o pensamento é livre.
Que resta a um pobre menino
Além de seu doce sonhar?
Dele o quiseram afastar
Mas nunca o conseguiram.

Novalis não conseguiu concluir seu sonho. Talvez ele não quisesse concluí-lo. Foi ter com Sophie quando era pouco mais que um menino. Tinha 29 anos quando a Noite, a sua esperada e amada Noite, o aqueceu com seu manto.

"É insignificante a parte da vida que vivemos." Novalis seguramente não compreenderia o significado desta sentença. Afinal, cada um dos segundos que compuseram sinfonicamente sua maravilhosa vida foram saboreados integralmente, como se fossem manjares confeitados por mãos divinas.

GEORGE BARCAT

NOTAS

- (1) Cassirer, Ernest – *A Filosofia do Iluminismo e seus Crícos Românticos*, in *O Mito do Estado*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1976
- (2) Rosenfeld, Anatol – *Aspectos do Romantismo Alemão*, in *Texto/Contexto*, Editora Perspectiva, Brasília, 1973
- (3) Hartmann, Nicolai – *A Filosofia dos Românticos*, in *A Filosofia do Idealismo Alemão*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1983.
- (4) Hegel – *Estética* (Poesia), Guimarães Editores, Lisboa, 1980
- (5) Dilthey, Wilhelm – *Vida y Poesia*, Fondo de Cultura Económica, México, 1945
- (6) Huch, Ricarda – *Les Romantiques Allemands*, Pandora Éditions, Paris, 1978
- (7) Novalis – *Himnos a la Noche – Enrique de Ofterdingen*, tradução, introdução e notas de Eustaquio Barjau, Editora Nacional, Madrid, 1981
- (8) Novalis – *Himnos a la Noche – Cantos Espirituales – La Cristiandad o Europa*, estudo e versão de Alfredo Terzaga, Ediciones Assandri, Córdoba, 1965

AS IDADES DA VIDA

Vamos fixar nossa atenção em um ponto de especial importância para a compreensão do homem: as idades da vida. Em todas elas é sempre um homem e o mesmo quem vive, apesar de estar constantemente mudando sua situação corporal e anímica, na peculiar tensão entre a identidade da pessoa e a transformação de suas condições concretas.

Em si, cada uma das etapas ou idades da vida apresenta algo novo, é única, insubstituível, e passa para sempre. Neste fato reside a tensão da vida: o íntimo incentivo para vivê-la. Enquanto não se percebe isto, surge uma sensação de monotonia que pode chegar ao desespero. Porém precisamente daí surge também a gravidade do fato de que não se pode recuperar nada passado e, com isso, a miséria de havê-lo perdido.

Por tudo isto, todo intento de separar uma determinada fase tem algo de arbitrário. Mas há divisões que calam tão fundo, que justificam uma separação.

Tomadas em grande amplitude, distinguiamos as seguintes fases: a criança..., o jovem..., o homem adulto..., o maduro..., o velho..., o senil. Evidentemente pode-se fazer subdivisões, mas aqui não nos cabe tocá-las.

Entre as fases mencionadas há crises típicas: entre o nível vital da criança e do jovem, a crise da puberdade; entre o do jovem e do adulto, a crise da experiência; entre o nível do adulto e do maduro, a crise da compreensão dos limites; entre o nível do homem maduro e do velho, a do desinteresse; entre o velho e o senil, o haver ficado inerte.

Essas fases são formas autênticas de vida que não se podem deduzir umas das outras. Não se pode compreender a atitude do jovem pela da criança, assim como tampouco é compreensível a existência da criança como mera preparação à do jovem. Cada fase tem seu caráter próprio, que pode marcar-se de modo tão enérgico que para aqueles que a vivem se faça difícil passar dela à seguinte.

A Vida no Seio Materno, Nascimento e Infância

Observamos anteriormente a existência de uma crise entre cada duas fases vitais consecutivas.

Também há uma crise antes da infância. A crise de que falamos tem lugar no próprio processo do nascimento. Chegado a sua maturidade, a criança abandona o seio materno e começa a existência individual. A psicologia mostra que esse processo fica profundamente gravado na alma da criança e uma má rea-

lização tem consequências para a vida inteira, e não somente de índole corporal, senão também anímica.

O problema consiste em se a separação se cumpre real e totalmente e sob uma orientação adequada. Por outro lado, o fato de que a separação interior, anímica, a entrada na existência própria não se realize completamente parece influir muito em que posteriormente se produza a melancolia. Pois nesta, ao que parece, conta muito a tendência a voltar ao seio materno.

O cuidado de que esse crescimento, corporal e espiritual, tenha lugar como é devido no seio materno, de que se evitem comoções por uma errônea conduta de mãe, pelo medo, por privações, etc., constitui efetivamente um dos deveres principais da gravidez.

Os pais dão à criança a atmosfera de um constante assentimento em atenção e amor. Interpõem-se entre esta e o mundo exterior, protegendo-a de perigos físicos e lesões anímicas, da hostilidade do mundo em relação à débil força dos pequenos para afirmarem-se a si mesmos.

Esta cobertura protetora está também na psicologia da própria infância, que não faz as distinções com que o adulto divide o mundo. Para esta, "dentro" e "fora" não são radicalmente diversos. Os conteúdos anímicos e a realidade exterior interpenetram-se. As coisas representadas são reais e uma fantasia tem efeitos de realização. Aqui está a raiz, em boa parte, de que a criança aparentemente seja tão mentirosa. Somente pouco a pouco distingue a expressão de fantasia e a de realidade. O boneco para ela está tão vivo como o animal; reciprocamente, trata com o animal como se este fosse um brinquedo e não tivesse iniciativa própria. Somente pouco a pouco distingue entre o hostil e o amistoso; daí a alegria confiada das crianças. Não têm a consciência de finalidades e meios, causa e efeito, o que não significa que não levem a cabo sua intenção de modo muito seguro. Isto porém não ocorre por reflexão, senão por instinto.

Dessa unidade de esfera infantil surge a impressão de que a criança é inocente. Isto é verdade se por inocência se entende a imediatez do sentir e do movimento vital, o modo como ela se coloca ante as coisas. Mas não é certo no sentido moral.

A autêntica mãe, a quem não importam os sentimentalismos, senão o destino pessoal deste que está a seus cuidados, sabe muito bem da rapidez com que entram em jogo os instintos de egoísmo, da desconsideração, da crueldade, como por exemplo nas

inimizades entre irmãos, ou na astúcia às vezes surpreendentes e a capacidade de fingimento dos pequenos.

Porém tudo isto está inserido no contexto da vida. Nessa cobertura a criança há de desenvolver-se, mas não para nela ficar aprisionada, senão para lograr entrar na própria iniciativa individual.

A Crise da Maturação

A situação da vida infantil transforma-se pouco a pouco, fazendo penetrar nela o mundo exterior, em contactos cada vez mais freqüentes com coisas, pessoas, fatos. Aprende a diferenciar entre seres amistosos e hostis, procedimentos úteis e prejudiciais. Aprende a ver finalidades e a alcançá-las, a distinguir entre o bom e o mau, a esforçar-se pelo justo, etc. Na medida em que isto ocorre apresentam-se os níveis da criança crescida, os do jovem e da jovem.

A crise decisiva desde dentro tem lugar porque se entrecruzam os dois impulsos básicos: a afirmação individual de si mesmo e a tendência sexual.

Daí vem a suspicácia do sentimento de si mesmo nos jovens; a exagerada maneira de acentuar a si mesmos, demonstrando como está inseguro o Eu; a constante rebelião do jovem em maturação contra a autoridade; a desconfiança com respeito ao que dizem os demais, simplesmente porque são outros que o dizem; porém também a propensão a deixar-se seduzir pelas idéias tontas, enquanto estas acertam a confluir com as tendências que precisamente estão atuando.

A meta dessa evolução é distinguir-se dos demais como Eu mesmo; situar-se como pessoa em liberdade e responsabilidade; obter um juízo próprio sobre o mundo e uma situação própria nele; chegar a ser "Eu mesmo", para recorrer também o caminho em direção aos outros, podendo dizer "tu" enquanto que é "eu".

A tarefa da educação se orienta a lograr que a nova realidade vital recém-despertada seja vista e reconhecida, livrando-se do caráter ilegítimo, porém, ao mesmo tempo, insertando-se na ordem, assumida na responsabilidade da pessoa e posta sob as valorações da honra.

Desse cerco e acosso deve sair o jovem de idade responsável, livre para o ser pessoal, assim como para a realização vital.

Isso está ameaçado, por perigoso. Respeito à personalidade: que não dê o passo à autonomia e siga estando dependente, ou que, pelo contrário, permaneça na rebelião e não compreenda o que é uma ordenação à que se assente livremente. Respeito à vida sexual: que não tenha valor para dar o passo adiante e se faça incapaz de ser pai ou mãe no pleno senti-

do da palavra ou, pelo contrário, que sucumba ao sexo, embrutecendo-se nele e sem chegar ao autêntico amor, em honra e responsabilidade.

O Jovem

O jovem que atravessou a crise dos anos de desenvolvimento há tomado contato com seu próprio "eu" e trata de apoderar-se de si mesmo. Começa a ter apoio aí, para sair de si mesmo para o mundo, começando a fazer nele seu trabalho... Deu-se conta de suas capacidades vitais e sente que nelas há possibilidades de devenir e experiência. Porém também há deveres: assentir a essas capacidades e ordená-las, reservá-las e dar-lhes forma para autênticas consecuições.

O caráter básico desta nova forma de vida, se não me equivoco, está determinado por dois elementos. Um positivo: a força de ascensão da personalidade que se acentua, assim como da vitalidade que abre passo; e um negativo: a falta de experiência da realidade.

Daí a sensação de que o mundo está infinitamente aberto e a força é ilimitada; a expectativa de que a vida dará em quantia imprevisível e a confiança de que se realizará algo grande. É uma atitude orientada para algo infinito; o infinito do começo todavia não posto à prova. Tem o caráter do incondicionado; a pureza que consiste em rechaçar as transações; a convicção de que as idéias verdadeiras e as atitudes justas estão, imediatamente, em condições de mudar a realidade e dar-lhe a forma. Daí também a inclinação ao "curto circuito" em juízos e ações. E tudo isso com maior violência quanto mais inseguro está todavia o próprio ser.

Porém, ao mesmo tempo, falta a experiência da realidade. Falta o conhecimento das relações autênticas, a medida para o que pode o si mesmo, o que podem os demais e o que pode em geral o homem. Falta conhecer a inaudita tenacidade do ser e a resistência que opõe à vontade. Por isso é muito grande o perigo de enganar-se, de confundir o incondicionado da opinião com a capacidade para realizá-la, a grandeza da idéia com a possibilidade de praticá-la. Falta essa atitude, tão pouco sugestiva, porém tão básica para todo êxito: a paciência.

É também o período em que aparecem os típicos dotes iniciais — êxitos da inteligência, às vezes surpreendentes, da invenção e da capacidade artística e de direção, porém as quais não é seguro que durarão. Estão sustentadas pelo impulso da vida jovem, que dá um salto sobre a realidade, com fantasia e valentia; por isso uma boa parte do que parecia dotes, em realidade é o fato mesmo dessa juventude, e a experiência mostra logo que fica atrás.

Porém este período é também a época em que a sensação poderosa do incondicionado inspira ânimo para tomar resoluções que são decisivas para a vida. Entre elas, a eleição do trabalho, que representa freqüentemente um autêntico risco, no passo que determinará todo o porvir, dado em uma época em que falta o olhar sensato para a realidade, especialmente difícil quando as condições exteriores opõem-se à eleição ou quando uma multiplicidade de dotes estorva a decisão interior. Porém, por outro lado, precisamente é a falta de conhecimento realista do mundo o que freqüentemente faz possível lançar-se a esse risco. Pois o mesmo pode elevar-se ao heróico quando a decisão se refere a algo desacostumado. Nesta época o jovem pode empreender coisas às quais nunca poderia voltar a decidir mais adiante. Aqui está também o grande perigo de ficar seduzido por aqueles que encausam para seus fins, com frio cálculo, a generosidade da vida que surge. Basta dar uma olhada à política para ver como esse mau uso da vida jovem se converte em um método.

A decisão também se toma com respeito a outra pessoa ao arriscar o amor para ela.

A Crise da Experiência

Um trânsito, uma crise se dá também entre a fase vital do jovem e a seguinte, que vamos chamar do homem responsável e maior de idade.

Agora a realidade vai se apresentando pouco a pouco ante a consciência. Sobretudo porque a conduta idealista leva a fracassos. O jovem experimenta que não é capaz de muitas coisas de que acreditou ser capaz; porém talvez haja nele uma capacidade autêntica em outro sentido, não tão evidente e menos interessante, porém autêntica.

Percebe que a realidade da vida social, política e econômica, que ele quer mudar a partir do incondicionado da idéia e da pureza da intenção, é muito mais tenaz do que ele acreditava. Vê-se e enuncia-se o justo, porém não por isso se o aceita já. A tolice, o egoísmo e a indiferença são enormemente fortes.

A mesma experiência ele tem consigo mesmo. O fato de haver reconhecido algo como justo não significa de nenhum modo que o faça também. Fracassa continuamente. Uma vez e outra, o balanço ético que estabelece consigo mesmo arroja um déficit. É muito difícil evitar realmente um defeito, superar uma debilidade, adquirir uma virtude, uma *arete*, reconhecida como justa.

Descobre essa força que é condição prévia de tudo o que significa realização: a paciência, que domina com o trabalho lento.

Isto dá lugar a uma comoção no que até então estava firme e seguro, recebendo o assentimento da incondicionalidade da convicção. Evidentemente faltava algo, a experiência, e por essa falta tudo estava falseado, sem saber como. É preciso uma mudança. Fica atrás uma imagem da vida que em seu tempo foi adequada, e há que adquirir outra nova.

O Homem Responsável

Agora se realiza o que se chama caráter: a consolidação interior da pessoa. Não é fixação nem endurecimento dos pontos de vista e das atitudes, mas bem consiste na convergência do pensamento vivente, do sentir e o querer, com o próprio núcleo espiritual.

Determinados valores adquirem agora uma importância especial: a entrega ao que se há empreendido, a fidelidade à palavra dada, a fidelidade com respeito àquele cuja confiança se há recebido; a honra, como sentimento infalível do que é justo e injusto, o que é nobre e vulgar; a capacidade de distinguir entre autêntico e inautêntico em palavras, conduta e coisas. É a época em que se descobre o que significa a duração, o que dentro da corrente do tempo tem parentesco com o eterno; o que edifica, mantém em pé, sustenta e leva adiante.

A Crise pela Experiência do Limite

Circunscrevendo no tempo a fase que acabamos de tratar, diríamos que alcança mais ou menos desde pouco antes dos trinta anos até a metade dos quarenta. Obviamente são limites fluidos; há muitos elementos sob cujo influxo pode pôr-se em marcha ou terminar antes ou depois.

Porém logo começa a crise, isto é, uma sensação cada vez mais evidente dos limites da própria energia. Percebe que há um excesso no trabalho, na luta, na responsabilidade. Detrás de cada exigência assomam-se outras novas e não se lhes vê o fim.

O melhor aqui é conceder à vida o assentimento que vem da seriedade e a fidelidade, alcançando um novo sentimento do valor da existência.

O Homem Sereno

Se ocorre assim, então começa a figura vital do homem sereno. Caracteriza-se por ver e aceitar o que são as fronteiras, as limitações, as insuficiências e misérias da vida.

Isso não significa que chame bom ao injusto, ao perverso, ao vulgar; que passe por alto a desordem, o sofrimento, a falta de saída da existência;

que afirme que é riqueza o mísero, que é autenticidade o aparente, que é cumprimento o vão. Tudo isso se vê, porém se "aceita" no sentido de que é assim e deve seguir sendo assim.

Nessa atitude há muita disciplina e renúncia; uma valentia que não toma tanto o caráter da ousadia quanto o da decisão.

São a pessoas de tal índole aquelas a quem se confia a vida. Precisamente porque não têm a ilusão do grande êxito, da vitória fulgurante, são capazes de lograr o que vale e permanece. Assim deveriam ser o autêntico estadista, o médico e o educador, em todas as suas formas.

Aqui aparece o homem superior, que é capaz de dar seguranças. Pode-se julgar a situação humana e as oportunidades culturais de uma época pelo número de pessoas de tal índole que se encontra nela e pelo alcance de seu influxo.

A Crise do Desinteresse

Na medida em que o homem envelhece, cada vez espera menos; na mesma proporção se intensifica a sensação da transitoriedade.

Aparta-se a mirada do fim que se acerca, fazendo como se não se acercasse, aferrando-se ao estágio vital que passa, como se ainda fosse jovem; resultam consequências perniciosas (um dos fenômenos mais problemáticos de nossa época é que a vida plena de valor equipara-se com o ser jovem apenas). Daí surgem os nefastos fenômenos do materialismo da velhice: o comer e beber, a conta bancária, o assento cômodo, desenvolvendo-se o egoísmo senil, o afã de valer, a tiranização de tudo ao redor.

O modo de dominar positivamente a crise consiste na aceitação do envelhecimento, na aceitação do fim, sem sucumbir a ele nem desvalorizá-lo com indiferença ou cinismo. Especialmente importante é a superação da vingança contra os jovens, do ressentimento contra o historicamente novo, da alegria ante o mal pelos defeitos e fracassos do atual...

O Homem Sábio

Podemos caracterizá-lo assim: é o que sabe do final e o aceita.

O próprio final da vida é todavia vida. Nele se realizam valores que somente então podem se dar. Com sua aceitação, aparece na vida algo tranqüilo e, em sentido existencial, superior. É a superação da angústia, de ter pressa com o resíduo que todavia se pode viver, de atascar de matéria o tempo que cada vez se faz mais curto... (a conduta de Sócrates, no final do Fédon).

A sabedoria é algo diverso da inteligência aguda ou a prudência prática para a vida. É o que surge quando o absoluto e eterno se manifesta na consciência finita e transitória, arrojando desde ali luz sobre a vida.

A Entrada na Ancianidade

Parece ser antes de tudo uma decadência. O observador não encontra nela nenhuma forma original de vida positiva.

A isso parece contradizer a impressão que produz muitas vezes a personalidade das pessoas muito velhas. Têm uma calma que vem de seu interior. Têm uma dignidade que não procede de suas realizações, senão de seu ser. Em sua natureza se faz presente algo que apenas se pode designar com o conceito do eterno.

O Homem Senil

A imagem que aqui tem vigência está construída desde o fim; sua dominante reside em um elemento que nossa época perdeu de vista, porém que outra época mais compreensiva chamou *ars moriendi*, a arte de morrer.

Aos que rodeiam ao homem de extrema ancianidade apresenta-se um dever ético-educativo: de ajudar e antes, de sustentar e suportar. Com tal cuidado obtêm uma melhor compreensão da vulnerabilidade da vida em geral e desses profundos valores que ficam tão facilmente cobertos pelo ímpeto da vida sã. A pessoa que recusa ser boa para a vida que se vai, e a acudir em auxílio do constante estreitamento que experimenta, desperdiça uma ocasião importante de entender o que é a vida em geral e que inexorável é sua tragédia, que profunda solidão e que solidários são os homens uns dos outros.

A resposta sobre o fim da existência somente é dada pela religião. O núcleo da vida do ancião somente pode ser a oração, qualquer que seja a forma que tome.

LUCIA BENFATTI

Seleção e tradução da obra *Las edades de la vida*, de Romano Guardini, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1977.

A Queda do Homem e sua Evolução conforme a Bíblia



"Deus Criou as Estrelas", afresco do teto da Capela Sistina, de Michelângelo.

Há algum tempo, a revista *Time* publicou a notícia de que na Síria foram encontradas pedras, gravadas há 5.000 anos, com a descrição da Criação do Mundo igual àquela feita por Moisés no Livro do Gênesis.

Não devemos estranhar essa coincidência pois, no mundo antigo, os mitos eram universais. Apenas, eram narrados de modo diferente, conforme os costumes dos diversos povos.

Apesar das grandes distâncias e das dificuldades de longas viagens, existia um intercâmbio contínuo entre os sacerdotes dos diversos templos.

Assim temos, por exemplo, o diário do secretário de Apolônio de Tyana que descreve como, no início da nossa era, o seu mestre foi transportado por elefantes, camelos ou cavalos, de um templo para outro, do Egito à Pérsia, e até o Tibet. Também sabemos que Pitágoras recebeu instruções no Egito e na Babilônia. Portanto, um mito pode ter sido levado a longa distância, de uma religião para outra, independentemente de tempo e de espaço. Temos, por exemplo, o mito celta, de mais ou menos 1.000 anos antes da nossa era, que se refere ao Rei Artur e seus 12 cavaleiros ao redor de uma mesa redonda. Essa lenda serviu de parale-

lo ao Cristo com seus 12 Apóstolos na Última Ceia. Evidentemente, em ambos os mitos, trata-se do Sol com os 12 signos zodiacais ao seu redor.

Sabemos que os chamados Cinco Livros de Moisés não foram escritos por ele e nem no seu tempo, já que o Deuteronômio — 34,5 — relata: “Assim morreu ali Moisés, servo do Senhor, na terra de Moabe, conforme ao dito do Senhor”. O Pentateuco, provavelmente, foi redigido por volta do ano 500 antes da nossa era, quando o povo judeu voltou do exílio da Babilônia.

Não é de grande importância se o Gênesis é de origem caldeia ou hebraica. O valor do Velho Testamento consiste em descrever a queda do ser humano de um estado espiritual para um estado material e a possibilidade do retorno do homem a sua natureza inicial, na qual foi criado à imagem de Deus. Por isso, depois de grandes lutas com os gnósticos, os primeiros cristãos conservaram o Velho Testamento como fundamento da sua religião. Com o decorrer do tempo, reservaram a leitura desse Livro Sagrado aos sacerdotes, excluindo os leigos. Foi esta, em parte, a causa da Reforma. Lutero traduziu a Bíblia para sua língua, e cada criança protestante devia conhecer o Velho Testamento, já que seus pais recebiam um exemplar da Bíblia, por ocasião de seu casamento.

Vamos recordar rapidamente a sequência dos atos da Criação de acordo com o Gênesis. Os críticos sempre se admiraram da existência de dois relatos diferentes sobre a Criação e, ainda, de Adão ter sido criado por Deus duas vezes: na primeira vez, andrógino, à imagem de Deus e, na segunda vez, de barro e com o sopro (*pneuma*) de Deus. É bem possível que esse segundo relato tenha sido acrescentado pelos hebreus, pois trata da queda do homem ideal à matéria.

O primeiro relato da Criação é o seguinte: “no princípio Deus cria o céu e a terra”. É óbvio que não se trata do céu atmosférico, nem da terra material. São os opostos: negativo-positivo, receptivo e criativo, que os chineses chamaram muito mais apropriadamente de *Yin e Yang* — que eles unem num círculo para demonstrar que se trata apenas de dois aspectos de uma só coisa. Os antigos tinham muito mais consciência da unidade fundamental dos opostos e, por isso, tanto a gramática sânscrita quanto a antiga grega conhecem, fora dos casos singular e plural, também o dual; é diferente se uma pessoa faz uma coisa, ou muitas pessoas, ou duas em conjunto. Na segunda criação, no primeiro relato da Bíblia, é que Deus separa a luz das trevas. Na terceira criação ele divide “as águas de baixo das águas de cima”. A quarta criação é a das plantas com semente e de outras com frutos. A quinta, a criação do Sol e da Lua. A sexta, a dos animais domésticos e das feras. E, enfim, a sétima, a do

Adão andrógino, criado à imagem de Deus. Vemos como tudo é criado aos pares, pois cada fenômeno tem dois pólos: um positivo e um negativo.

O segundo relato da Criação diz então que tudo foi criado na ideação: não existia ainda na realidade, pois não havia a chuva para fazer brotar as plantas da terra e nem o homem para cuidar delas. De fato, ainda não havia vida. E da Vida trata o segundo relato. Deus fez surgir um vapor (*Ed*) no Jardim do Éden. Um jardim é uma terra (matéria) cercada, que poderíamos chamar de Ovo Cósmico ou Zodíaco. O vapor que Deus fez surgir neste Universo (ou Uno vertido) é, sem dúvida, o quinto elemento, o éter ou *akasha*, do qual surgiram os outros quatro elementos ou manifestações da matéria: fogo, ar, água e terra, ou seja, a matéria radiante, a gasosa, a líquida e a firme. A Bíblia chama-os de quatro rios que surgem no Jardim do vapor (Éden).

No Éden a vida é manifestada em três categorias: “plantas agradáveis à vista e boas para comida”. Reparem como a Bíblia ressalta a importância do alimento estético, que é tão grande quanto a do físico. Na segunda categoria, a dos animais, estes são também diferenciados em domésticos e selvagens. A terceira categoria, Adão, é ele também criado duplo: de lodo (físico) e com o sopro de Deus (*ruach, pneuma*), ou seja, espiritual. O Adão do Éden não conhece ainda a agressão e, portanto, vive em plena harmonia com os animais, como um iogui na Índia que caminha tranquilamente nas florestas sem ser atacado pelas feras.

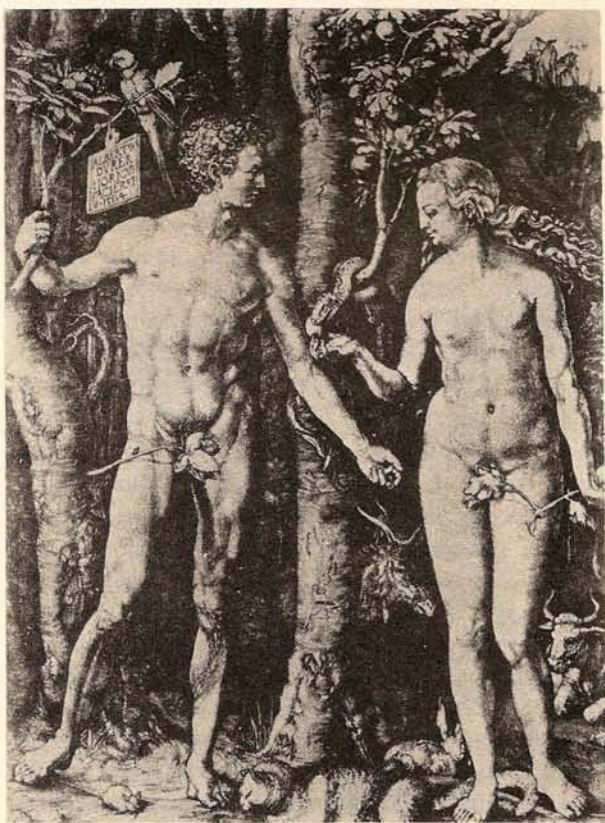
Todavia este Adão não é autoconsciente e vive, assim, em plena *participation mystique* com toda a vida — com as plantas e os animais. Ele conhece as plantas que aumentam a vitalidade e as que a danificam. Ele vigia os animais e compara o comportamento deles com o seu comportamento em certas circunstâncias. Como ainda não é autoconsciente, acredita ser o seu próprio comportamento influenciado por seres superiores que o dirigem, aos quais ele chama de deuses. Imagina seus deuses com cabeças de animais que têm o mesmo comportamento — cabeças de íbis, chacal, gato, etc.. Mesmo os gregos da época de Homero creem-se dirigidos por deuses que já não têm mais cabeças de animais, mas animais que lhes são atribuídos: coruja, águia, javali, etc.

Adão, ainda no Éden, dá nome aos animais de acordo com sua própria conduta. Aquele que se comporta como líder do rebanho, mas obedece ao pastor, é um carneiro; o que exige subordinação sem admitir um superior é um leão; aquele que se afasta dos outros, preocupado com o seu próprio íntimo, seria o caranguejo. Provavelmente, foi desse modo que surgiram os nomes dos espaços cósmicos que in-

fluenciam o caráter dos nascidos quando o Sol se situa neles.

Assim Adão viveu por muito tempo no Jardim do Éden, observando o zodíaco, os animais e as plantas, sem ter autoconsciência.

Deus então interfere com um novo ato de criação: ele põe Adão num sono profundo para formar entre seu físico e seu espírito um terceiro elemento, sua psique. Este sono cai sobre Adão, não para torná-lo insensível à operação de extrair-lhe uma costela, mas sim para fazê-lo esquecer sua própria espiritualidade.



Jardim do Éden

A palavra hebraica que foi traduzida por “costela” é *tseleh*, que melhor seria traduzida por “lado”. A palavra tem a mesma raiz que *tselem*, que quer dizer “imagem”, ou *tsele*, “sombra”. Adão mesmo chama essa parte que lhe foi tirada (*ish*), de *isha*, o que a Bíblia portuguesa traduz por “varoa”, sendo a parte feminina do “varão”. A psicologia profunda chama esta parte de *anima*. C.G. Jung, na sua prática psiquiátrica, chegou à conclusão de que o inconsciente do homem deve ser feminino e, o da mulher, masculino, pois observando homens neuróticos e, portanto, dominados pelo inconsciente, verificou que eles apresentavam características femininas, ressentimentos sentimentais, enquanto que as mulheres histéricas usual-

mente discutiam através da lógica e queriam dominar.

No relato bíblico, a *isha*, o inconsciente do *ish* ou Adão, tem ainda mais *participation mystique* e ouve, pois, a voz da serpente, “o mais inteligente de todos os animais”. Em todas as mitologias é sempre a serpente, ou o dragão, o guardião de um tesouro que o herói tem que conquistar. Nesse caso, este tesouro é o conhecimento do Bem e do Mal, ou seja, da bipolaridade que rege toda a natureza. O inconsciente (*isha*) transmite esse fruto, ou conhecimento ao *ish*, o consciente. E quando o consciente assimila esse conhecimento “abrem-se seus olhos”. Não que antes fosse cego, mas agora sabe que ele é um “ego” e o outro é um “tu”. Entretanto, sabe também que ele tem vida e que, portanto, inevitavelmente terá que morrer um dia. Este conhecimento o animal não tem e, por isso, ele vive sempre no Jardim, sem se preocupar com sua futura morte.

Porém *ish* e *isha*, agora autoconscientes, descobrem sua falta de defesa, percebem-se nus e cobrem-se com folhas de figueira. Por que justamente de figueira? Será que, de repente, sentiram vergonha de seus órgãos sexuais como acham as igrejas? Mas o homem primitivo não se envergonha de sua nudez; nem o negro, nem o índio. Mesmo os gregos não sentiam essa vergonha.

Em todos os mitos a figueira é o símbolo da Iniciação. Buda teve sua iluminação debaixo de uma figueira; o Cristo, em seu caminho para Jerusalém, amaldiçoou a figueira que não tinha frutos; não se tratava, neste caso, de uma figueira real, pois era época da primavera e, assim, a figueira não podia ter frutos; portanto, tratava-se do símbolo conhecido da Iniciação. Provavelmente, esta árvore foi escolhida como símbolo porque seus frutos se parecem com grandes gotas de lágrimas, e é só através de muitas lágrimas que o homem pode evoluir.

Quando, pela Iniciação, o homem passou ao pensamento lógico, ele começou sua triste peregrinação através do mundo: foi expulso do Paraíso, e só depois de numerosas e tristes experiências no mundo material ele pôde voltar ao seu estado paradisíaco, conseguindo, então, no último grau, voltar a ser a imagem de Deus, como fora inicialmente criado. Depois de Adão ter saído do Éden, Deus fechara o Jardim com fogo, e este é um dos graus mais difíceis que o homem tem que superar quando, na sua evolução, quiser retornar ao seu estado inicial de imagem de Deus.

Todas as mitologias falam desse fogo: os gregos dizem que ele foi roubado por Prometeu e dado aos homens. Por isso Prometeu é punido pela água — o símbolo de Zeus — que lhe come o fígado em cada noite, até que o herói Hércules o liberta do roche-

do material ao qual Prometeu se achava preso. Na mitologia germânica, o próprio herói, ou seja, o homem em evolução — Siegfried — tem que vencer esse fogo, para conquistar sua *anima* — Brunhildê — que fora presa por Wotan numa ilha, por ter ajudado os pais de Siegfried na criação deste.



Prometeu

O que será esse fogo? Na psique humana é a **vontade**. Esta se manifesta de forma tríplice, pois o homem, após a criação da psique, é tríplice: corpo, psique e espírito. A vontade física é a Vida. A vontade psíquica criou o Ego através do pensamento lógico. A vontade espiritual, que se dirige para o universal, foi perdida quando Deus adormeceu Adão no Éden. É este fogo que teremos que reconquistar na nossa evolução iniciática.

É importante conhecer esta triplicidade no homem. Todas as religiões a conheciam e também a religião cristã, até o nono século. Paulo diferenciava ainda o homem em somático, psíquico e pneumático, antes da Igreja decretar por dogma conciliar que o homem só tem corpo e alma, e pode atingir o espírito somente através dos sacramentos da Igreja.

A caída profunda do homem psíquico no materialismo é descrita na Bíblia através das gerações, até a última, que se encontra em exílio na matéria, ou seja, no Egito, que os hebreus chamavam de *Mitsrajim*. A raiz desta palavra é *mitsr*, que significa “limitação e dor”. Na longa peregrinação dos hebreus, duas pessoas já encontraram o fogo celeste. A primeira foi Jacó, que lutou com o anjo de Deus e, depois de sua vi-

tória, foi chamado de Israel, o “lutador por Deus”. Desde então os filhos de Jacó são chamados israelitas, que significaria aquela parte da humanidade que luta para reencontrar Deus. A outra pessoa que viu este fogo foi Moisés, “na sarça ardente”, o que o incitou a levar os israelitas para fora da escravidão da matéria.

Quando Deus chamava seus lutadores para que saíssem do conforto e do materialismo do Egito, só a quinta parte do povo hebráico lhe obedeceu. E mesmo estes, só saíram *nolens volens*, como diziam os antigos romanos, ou seja, só de meio coração. Consideravam-se capazes de sacrificar sua boa vida e atravessar o deserto, mas, pelo sim pelo não, levaram consigo taças de ouro, das quais depois formaram o conhecido bezerro de ouro. No deserto os israelitas eram guiados pela divindade que divisavam, de dia como uma fumaça — uma visão confusa — mas, à noite, como uma coluna de fogo que os orientava.

Todos nós nos encontramos em peregrinação através do deserto, porém não almejamos uma Terra Prometida qualquer, mas sim o próprio Jardim do Éden... Entretanto, não descobriremos a entrada desse Jardim — onde Deus escondeu a Árvore da Vida Eterna — antes de deixarmos de lado o fogo psíquico, ou seja, o nosso ego, que vê os outros como opostos, não-egos ou “tus”. A *isha* tem que se unir com o nosso ego, ou seja, em termos psicológicos, temos que unir consciente e inconsciente, temos que voltar à *participation mystique* ainda viva no nosso inconsciente. Afastamo-nos mais e mais desse dom divino pelo desenvolvimento do pensamento lógico, tanto que já nos esquecemos de que somos parte e réplica do Universo e que, portanto, não podemos lutar contra as leis universais. Devemos dirigir a nossa vontade para participarmos desse Universo. E, afinal, temos que acordar desse sono em que Deus nos pôs, porque nesse sono esquecemos que de início Deus nos criou à sua imagem. Porém, não conquistaremos a nossa parte espiritual antes de acordarmos de nosso sono, que nos fez acreditar sermos apenas um ego num corpo. Temos que lembrar que somos, em princípio, **espírito**, e, portanto, **eternos**, e que, uma vez acordados, poderemos comer do fruto da Árvore da Vida Eterna. O Buda alcançou esta última Iniciação, e, por isso, foi chamado o *nidra bhanga*, ou seja, “o acordado do sono” de Adão.

ILSE MARIA SPATH

Introdução ao I CHING

Gostariamos de caminhar com vocês numa introdução ao que hoje conhecemos como *I Ching*, o “Livro Clássico das Mutações”.

O que significa uma introdução a um tema qualquer? Significa a procura de sua interioridade, introduzirmo-nos a algo; significa adentrarmos nisto que é o tema de uma tal introdução. E essa procura da interioridade é também a procura do essencial, daquilo em que se constitui o ser mesmo, do que assim procuramos entender.

Não é pequena a dificuldade que temos pela frente. São várias. A primeira delas seria como nos aproximarmos disto cujo interior buscamos sondar: o *I Ching*; traçarmos uma trajetória de acesso ao *I Ching* seria também definirmos um ponto de partida para o estudo.

Para nós, ocidentais, aproximarmo-nos de uma tradição do Extremo Oriente — de uma tradição qualquer do Extremo Oriente — como é o caso do *I Ching*, implica também em lutarmos conosco mesmos, porque rapidamente descobrimos quão facilmente nos interpomos e nos projetamos e perdemos o outro, no caso, o Oriente, por apreendermos segundo moldes, padrões, categorias ou conceitos, que não só lhe são estranhos, como mais ainda, talvez sejam incapazes de expressá-lo. Porque essas categorias e esses conceitos falam de uma outra postura diante do mundo, aquela que caracteriza o homem ocidental. Se assim é, seria necessário procurarmos primeiro ver como os chineses, os antigos chineses, se aproximavam das coisas, de que modo travavam contacto com aquilo que buscavam conhecer e compreender, para que então tentássemos percorrer um caminho similar àquele que eles próprios traçavam, pois será somente segundo o seu modo próprio de conhecer e de aprofundar-se nas coisas, que nós poderemos conhecer o que lhes pertence. Quando vamos estudar como se dava essa abordagem do mundo, na China clássica, nós notamos que um papel capital, primordial, era desempenhado pela palavra. Especificamente, pelo nome das coisas. A isso os antigos chineses atribuíam um peso vital: como as coisas se chamavam. Pois, para eles, o nome de algo não era um simples rótulo, nem era apenas um sinal indicativo de um dado fenômeno; para eles, a palavra, ao nomear, revelava e explicitava a natureza mesma das coisas. Assim como elas se chamavam, elas eram, porque no nomear, essa interioridade vinha à tona e se manifestava; por isso o nome tinha, na concepção clássica chinesa, um poder revelador; ele aclarava o mundo até então em obscuridade. Confúcio chegava a dizer que, para que hou-

vesse harmonia no mundo, seria necessário primeiro retificar os nomes, não se poderia esperar a harmonia no mundo sem a retificação dos nomes.

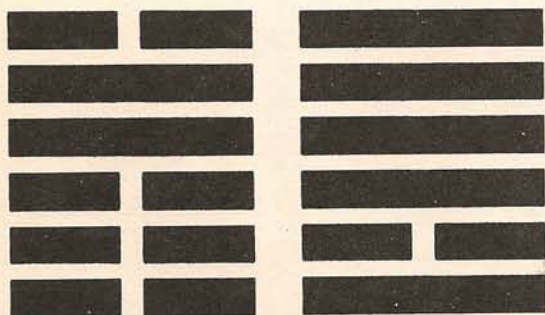
Mas, o que entendia Confúcio por **retificar** os nomes? Isso significava reconectar a palavra que nomeava ao ser mesmo daquilo que ela deveria aclarar e que, assim, ela faria brilhar no campo do conhecido.



Estátua de Confúcio, ergue-se junto ao templo de Confúcio, em Yushima-Seodo, Tóquio, Japão.

Se assim compreendiam os antigos chineses, o **conhecer**, partindo para o acesso ao ser das coisas, dos nomes por meio dos quais essas coisas vinham a se explicitar, procuremos seguir suas pegadas. A tradição, que é a nossa preocupação aqui, ficou conhecida no Ocidente como o “Livro Clássico das Mutações”, o *I Ching*. Consequentemente, deveríamos em primeiro lugar atentar para essa designação. O que é a estrutura dessa designação? Mas quando vamos nos voltar para isso, descobrimos o seguinte: que essa tradição nem sempre atendeu por esse nome, isto é, que ela passou a se chamar *I Ching* a partir do período confucionista, o que significa qualquer coisa em torno do século VI antes da era cristã. No período que antecede ao período confucionista, esta tradição era conhecida como *Chou I*, e se recuarmos

um pouco mais na história chinesa descobriremos uma segunda surpresa: que antes de se chamar *Chou I* — o que passou a ocorrer logo após o alvorecer da dinastia Chou, o que significa em torno de 1.150 a.C. — no período que precede ao alvorecer da dinastia Chou, essa tradição era conhecida na China como *II*, “As Mutações”. Ora, que três diferentes denominações tenham ocorrido ao longo da história da China, como expressões dessa tradição, é agora para nós da maior relevância. Por que motivo isto? Se essa tradição mudou de nome foi porque de algum modo modificações ocorreram no seu próprio ser. E foram tais as modificações na natureza essencial da tradição, que exigiram a modificação na própria denominação. Vamos tentar ver o que aconteceu com essa tradição, ao longo dessas modificações que veio a sofrer, para que possamos, ao final, percorrer o que foi que chegou a nós e que hoje conhecemos como o *I Ching*.



HEXAGRAMAS

Retornemos aos dados mais antigos, ao pouco que sabemos sobre o período que antecede a 1.150 a.C., o período que precede a dinastia Chou, quando amplamente difundida parecia estar uma tradição de sabedoria designada pelo ideograma *II*, geralmente traduzido por “mutações”. Essa tradição que ia passando de geração a geração, consistia num legado antiqüíssimo de sessenta e quatro conjuntos de linhas inteiras e partidas, combinadas por superposição em seis posições; esses conjuntos de linhas eram chamados, em chinês, *Kua*, termo que geralmente é traduzido por “signo”. Esses conjuntos de linhas, esses *Kua*, não possuíam nomes, isto é, não havia palavras que tivessem a função de nomear esses conjuntos, nem existia, até onde podemos saber, nenhum texto que acompanhasse essas figuras de linhas; e provavelmente, durante mais de um milênio do período que antecede a dinastia Chou, quer dizer, desde bem antes do ano 2.000 a.C., essa tradição vinha sendo fonte de inspiração para a nação chinesa, que lia esses conjuntos de linhas, e através desse inusitado “texto” compreendia a sua relação com o mundo. Ou seja, a compreensão do cosmos para a humanidade chinesa, nessa sua nascença, se dava a partir desse legado fundamental, os *Kua*, eles próprios atribuídos ao ser

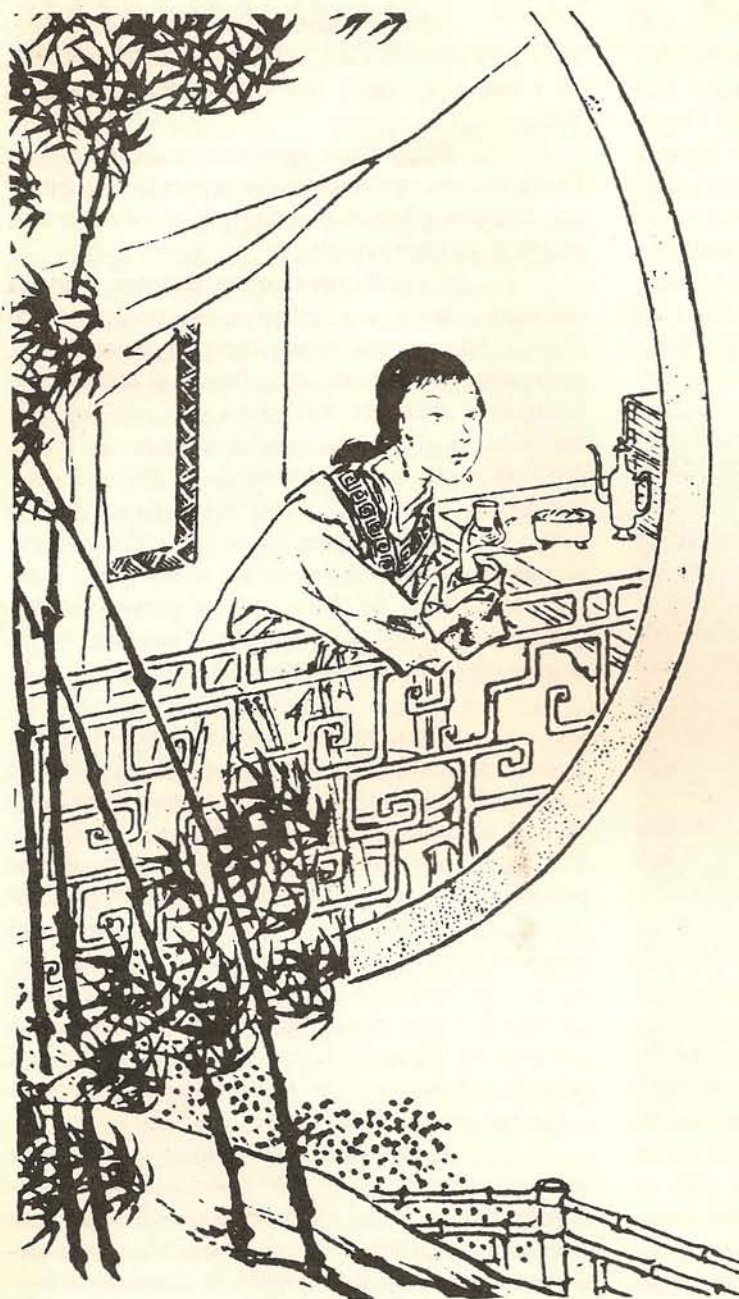
mítico, o homem primordial — Fu Hsi, de quem vinha toda a fonte de entendimento, de civilização e de cultura para o povo chinês; ele que ensinara os princípios da agricultura e que, assim, permitira o salto decisivo da economia de caça e pesca para o ato inteligente de produção, no qual o homem já não está mais à mercê do que a natureza lhe provê apenas, mas começa ele próprio a assumir a responsabilidade pelo seu subsistir, porque se descobre capaz de criação.

É a Fu Hsi que é atribuído o traçar desses *Kua*. Para orientar a China e através dela transmitir o que haveria de ser o patrimônio maior da civilização chinesa ao mundo, ele entregou a essa nascente comunidade sessenta e quatro conjuntos de linhas inteiras e partidas. Mas quando falamos em Fu Hsi como o autor desses signos, geralmente nós, ocidentais, ao verificarmos que se trata de um ser mítico, tendemos a uma interpretação muito curiosa, segundo a qual um ser mítico é um ser menos real do que um ser corpóreo, material, um personagem histórico factual; para nós a figura mítica é menos real, segundo os critérios contemporâneos. E quando observamos o enfoque clássico chinês, vemos que para eles as coisas tinham pesos muito diferentes; o homem mítico não era menos real do que o indivíduo histórico, talvez, quem sabe, fosse até mais real do que o indivíduo histórico. Porque este indivíduo histórico tinha um horizonte de existência muito limitado, muito menor, incalculavelmente menor do que o ser mítico, que abrangia a própria evolução histórica da raça humana.

Édipo está vivo até hoje, e talvez permaneça vivo enquanto formos quem somos: humanos, na condição em que hoje nos vemos e encontramos; do mesmo modo Fu Hsi. Ele está vivo e estará vivo enquanto através desses *Kua*, desses signos, nós conseguirmos outra vez entender o mundo e entender a nós mesmos.

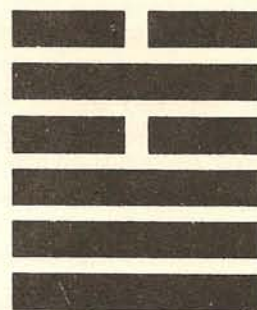
Durante mais de um milênio a China afeitu o saber fundamental que haveria depois de frutificar em praticamente todas as áreas da cultura chinesa, num acesso direto e numa leitura imediata desses signos, dessas figuras de linhas superpostas em conjuntos que hoje nós chamamos hexagramas.

Após mais de um milênio, quando chegamos ao período em que se instaura a dinastia Chou, nós vemos que justamente os fundadores dessa dinastia, Wen e seu filho Chou, serão os homens que ligarão à China um novo segmento dentro dessa tradição. Serão esses dois homens que irão redigir os primeiros textos que agora passarão a acompanhar os *Kua*, os signos.



Tudo é preferível à cruel incerteza

Wen, pai, nos legou o texto intitulado *Julgamento*, que consistia num breve poema em linguagem simbólica, que procurava aclarar, explicitar, patentear o que significava cada um desses conjuntos de seis linhas. E a seu filho, o Duque de Chou, nós devemos um segundo adendo aos hexagramas, que foi um conjunto de textos que passaram a acompanhar as linhas, pois Chou notou que a obra de seu pai permitia agora à China ver o que significava o conjunto das seis linhas, mas ainda não tocara o significado particular e individual de cada uma dessas linhas; e essa foi a obra do filho.



Acima, a chuva cai da abóboda celeste; abaixo, as raízes tornam o escoar da chuva difícil.

Passam-se os séculos e a referência a essa tradição torna-se assim no *Chou I I*, "As Mutações Chou". Agora notemos o seguinte: a nenhum chinês antes de Chou jamais ocorreu redigir qualquer coisa dizendo o que significavam aqueles conjuntos de linhas. Por que motivo? Porque a uma fonte é desnecessário levar água, já que ela verte água. Os hexagramas, essas figuras lineares, até o período do alvorecer da dinastia Chou, eram tão claros, eram tão eloquentes no seu silêncio, tudo mostravam e diziam a um povo ainda capaz de um acesso direto ao seu conteúdo, e que por isso prescindia da mediação da

linguagem, pois tinha a possibilidade de codificação direta de uma linguagem geométrica e simultaneamente metafísica. Deste modo, podemos agora inferir a perda gradual que sobre a humanidade chinesa se abatia no período em torno do alvorecer da dinastia Chou, a perda dessa possibilidade de acesso direto ao conteúdo ontológico da figura geométrica, o que criou a necessidade de um esforço para salvaguardar e preservar algo ainda do que agora a China via se esvair e partir para a escuridão do desconhecido, do incompreensível. As gerações que precederam Wen e Chou começaram a viver um drama, e esse drama consistia em ter em mãos o que fora tão claro para os seus antepassados e começava a ficar tão obscuro para eles naquele instante. E isso é um drama, porque isso significa a ameaça da perda de raízes; e sem essas raízes, quem seremos nós? Talvez já não possamos ser coisa alguma.

Foi essa consciência dramática que eclodiu na China naquele período, que já não conseguia mais ver, já não conseguia mais entender, já não conseguia mais sondar a interioridade dos *Kua*, e que levou esses dois homens, personagens agora inesquecíveis na trajetória da civilização chinesa, a esse esforço de tentar salvaguardar o conteúdo que partia, de preservar o núcleo essencial desses *Kua*, por saberem que deles vivera a China até então, e talvez sem eles não existisse China.

Por serem esses conteúdos justamente os pontos de apoio que a humanidade chinesa encontrou para pensar, entender e ultrapassar a perplexidade perdida em que antes se encontrava, esses dois homens fizeram esse esforço, recorrendo ao que naquele momento restava como via de inteligibilidade, e isso foi a redação dos textos do *Julgamento* e dos textos das *Linhas*, textos por isso preciosíssimos para as gerações subseqüentes na China. Porque agora, graças ao que Wen e Chou escreveram, eles podiam retomar em mãos os hexagramas e compreendê-los, ainda que nessa compreensão já não pudessem mais ter acesso a todo o horizonte anterior, a não ser que, através das indicações de Wen e Chou aos textos, eles ainda conseguissem ultrapassar, porque esses textos não podiam dizer tudo o que as figuras lineares, elas próprias, diziam; só podiam dizer uma diminuta parcela que funcionava, portanto, como uma indicação, como um dedo apontado; foi isto o que Wen e Chou fizeram. Apontaram o significado dos *Kua* para que, através dessa indicação da errância em que vagava perplexo o homem chinês da época, ele pudesse encontrar um acesso ao conteúdo dos *Kua* e, quem sabe, conseguisse, através da indicação, ir além da indicação e mergulhar naquilo que ela apontava.

Dizia um velho mestre Zen que o dedo serve para apontar a lua, o sábio, no dedo apontado, vê a lua, o ignorante fica a vida inteira olhando o dedo.

Wen e Chou apontaram o significado dos hexagramas na esperança de que as gerações do futuro não ficassem olhando o dedo, mas através dele chegassem à lua intencionada.

É significativo que as gerações seguintes passassem, agora, a se referir a essa tradição como *Chou I*. Sim, porque, nessa forma de denominação, essas gerações estavam explicitando o seguinte: os hexagramas ainda são inteligíveis para nós hoje; podemos saber o que eles significam graças ao acesso que hoje temos através dos textos de Wen e Chou, e por isso as “Mutações” tornaram-se, agora, “As Mutações de I Chou”. Agora Chou é também o termo que designa a dinastia que então se instaura e é um referencial direto do tempo e do processo histórico, conseqüentemente, as “Mutações” passaram a ter uma inserção direta no tempo e na história.

Sob o nome de *Chou I* permanece durante mais ou menos seiscentos anos, e quando chegamos ao período confucionista, vemos o seguinte: ao longo de sua vida, Confúcio viaja muito pelo interior da China e vai recolhendo material, para a época, antigo, que no final de sua vida edita sob o sob o nome *Grandes Clássicos*. Confúcio reúne os textos existentes na época sobre história chinesa e edita o *Clássico*, ou *O Livro da História*. Reúne os textos relativos a ritual, os textos antigos disponíveis, e edita o *Clássico*, ou *O Livro dos Rituais*. E assim nós vamos ver surgir a primeira edição do *Chou I Ching*, isto é, o *Livro* ou o *Clássico das Mutações* do período Chou.

Agora, quando observamos as referências chinesas a essa tradição, posteriores à edição confucionista dos *Clássicos*, edição essa que vai surgir também com a chamada *Dez Asas* — que são dez pequenos tratados redigidos no período confucionista — e que passa a acompanhar os textos de Wen e de Chou nas edições agora do *I Ching*, ou *Clássico*, notamos que com o correr dos séculos as referências a essa tradição vão pouco a pouco omitindo o ideograma *Chou* e designam apenas o *I Ching*.

Por que motivo foi caindo em desuso o ideograma *Chou*? O que é que está sendo expresso pela humanidade chinesa quando assim ela procede com a tradição das coisas? Não se pode atribuir essa omissão a um simples esquecimento, ainda mais quando tão pouco constante ele havia de ser. Durante nossa primeira visita a China, notamos que muitas vezes quando mencionávamos o *Chou I*, e o fazíamos intencionalmente, os nossos interlocutores

não sabiam a que nos estávamos referindo, e quando dizíamos *I Ching*: "Ah, sim, sim, o *I Ching*!" O *I Ching* eles conhecem, o *Chou I* nem sempre. Por que isto?

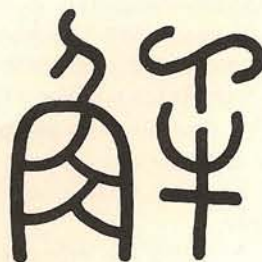
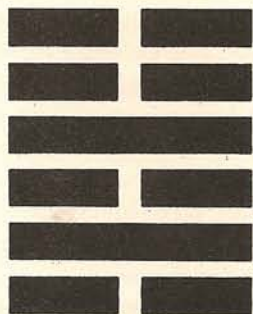
Voltemos sobre essas *Dez Asas*, e vejamos o que pretendeu a escola confucionista ao redigir esses dez tratados. Por que motivo eles foram redigidos? No período que precede a redação das *Dez Asas*, temos seis séculos se desdobrando, e durante esses seis séculos a ninguém ocorrera redigir textos tais como os das *Dez Asas*, que visavam, curiosamente, aclarar o que significavam os textos de Wen e de Chou. Ou seja, passados seiscentos anos, os chineses tinham dificuldade de entender, não mais os hexagramas, mas o que sobre os hexagramas se dissera, e que fora o que mantivera a claridade da tradição durante esse

período todo. Ou seja, os textos de Wen e de Chou começam a se tornar problemáticos para a humanidade chinesa no período que antecede o surgir do confucionismo. E por que motivo esses textos começam a se tornar problemáticos? Porque neles nós vemos mitos articulados em símbolos, e nas *Dez Asas* nós encontramos o esforço de interpretação desses mitos, porque já não mais se vivia dentro deles. Conseqüentemente, estes mitos ficaram obscuros, e era necessário decodificá-los, era necessário interpretá-los para que algo se salvasse deles. Algo que um dia se começara a perder nos próprios hexagramas, e que agora estava ameaçado de ser perdido nos textos que tentavam resgatar aquilo que dos hexagramas começava perder-se.

A tarefa da escola confucionista foi, portanto, curiosamente análoga à tarefa de Wen e de



Os caminhos da liberação estão repletos de armadilhas.



Um homem se inclina sobre um emaranhado com a intenção de desembaraçá-lo; ele se serve de um instrumento cortante primitivo: o gancho, representado no alto à direita.

Chou. E é por isso que na China geralmente se atribui o *I Ching* a quatro autores: Fu Hsi, o homem primordial, esse ser mítico, eterno, o rei Wen e seu filho o Duque de Chou, e Confúcio. Depois, com ele, a tradição tomou a forma com a qual chegou até nós: o *I Ching*, o *Livro* ou o *Clássico das Mutações*. Nós havíamos saído da dinastia Chou que vai findar com o período dos reinos combatentes e, conseqüentemente, estávamos fora da dimensão mágica da imersão no mito para a labuta da interpretação racional dos mesmos, por meio da qual intentávamos sua inteligibilidade, para através disso, quem sabe, ainda tentarmos vislumbrar alguma coisa da fonte originária.

Agora, talvez, possamos entender qual a trajetória que será necessária para uma introdução ao *I Ching*. Na realidade, não vamos poder sequer fazer essa introdução. O que vamos fazer, o que estamos fazendo, não poderia ser senão uma introdução à introdução do *I Ching*.

Essa introdução procura o caminho da introdução; é o encontro na seguinte trajetória: tentar ir do *I Ching* ao *Chou I* para, se o conseguirmos, do *Chou I* tentar caminhar até o *I*; para, se até lá chegarmos, de lá vermos o mundo, nós mesmos, a vida, tudo! Há portais, portanto, a serem atravessados por aqueles que procurarem uma introdução ao *I Ching*, isto é, que procurarem adentrar essa tradição em busca do seu núcleo essencial.

O primeiro portal será o *I Ching*, e esse portal consiste nas *Dez Asas*, será com elas que nós teremos de começar a trabalhar, para que, se conseguirmos cruzar essa portal, encontremo-nos com Wen e Chou, já que as *Dez Asas* tentam justamente permitir o entendimento dos densos e complexos textos míticos formulados por Wen e Chou; se conseguirmos ir das *Dez Asas* até esses textos, os textos do *Julgamento* e os textos das *Linhas*, e esses textos começarem a ficar claros, então estaremos a caminho do portal seguinte.

Estará nos próprios hexagramas, quando pudermos ler esses hexagramas direta e imediatamente neles mesmos; aí chegaremos ao original do *I Ching* que, portanto, não foi escrito em chinês, foi escrito numa linguagem universal.

Introduzirmo-nos ao *I Ching* significa, então percorrer o caminho através desses portais. Não podemos hoje, nem devemos, é claro, prescindir do riquíssimo material que a escola confucionista nos legou com os seus textos. Mas não podemos nos deter sobre esses textos. Não podemos nos deter porque esses textos não são finalidades em si mesmos. Esses textos visam algo, e o que eles visam são os textos de Wen e de Chou.

Entendendo um pouco das *Dez Asas*, podemos passar aos textos de Wen e de Chou. E à medida em que possamos compreender esses textos, aí então intentaremos o salto seguinte, que é retornar à fonte, os hexagramas eles mesmos, para lermos assim o *I Ching* no original, e, isto fazendo, entendermos aquilo de que esses hexagramas nos falam. Tudo, todos, porque nesses hexagramas estava, para a China, a pedra filosofal.

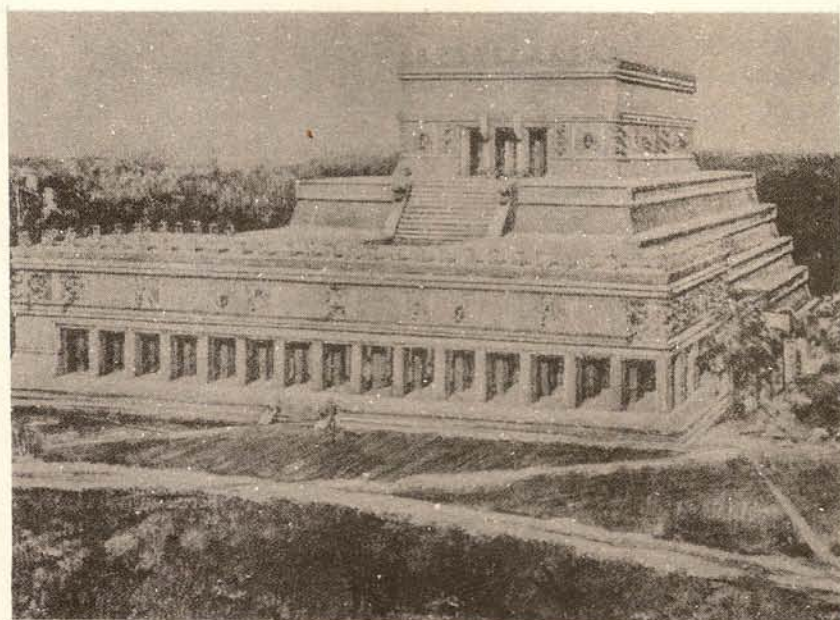
Esta é a tarefa que espera quem busca uma introdução ao *I Ching*.

E muito mais nos promete, pois nos assegura que o mundo em que vivemos e o nosso próprio ser não hão de permanecer enigmas insolúveis, porque existe uma possibilidade de compreensão para tudo isso que hoje nos intriga e nos deixa confusos; e foi justamente por isso que essas figuras lineares foram um dia traçadas e legadas à humanidade que, através delas, poderia prosseguir num caminho sem fim; porque, curiosamente, nos hexagramas, o que vamos descobrir é que nunca neles o entendimento se esgota e o saber se exaure. Num hexagrama, quanto mais nos aprofundamos, tanto mais amplo é o horizonte que descortinamos.

Gostaria de reservar o tempo restante a uma conversa com vocês. É perigoso um monólogo — que não dá espaço ao interlocutor de ele próprio se expressar. Uma palestra somente na dimensão expositiva incorreria neste grave perigo: silenciar a contraparte do orador. E é por isso que gostaríamos de passar a palavra a vocês e quem sabe, talvez juntos, venhamos a descobrir ainda mais do que eu sozinho poderia revelar.

Fim da primeira parte da conferência proferida pelo Prof. Gustavo Alberto Corrêa Pinto, em 19 de maio de 1984, na sede da Associação Palas Athena. No próximo número transcreveremos a 2ª e última parte desta palestra intitulada "Introdução ao *I Ching*".

A Terra de Chichén-Itzá e a Princesa Sac-Nicté



O "Templo dos Guerreiros", em Chichén-Itzá.

Todos os que viveram no Mayab ouviram o doce nome da princesa Sac-Nicté, que quer dizer: Flor Branca. Ela era como a lua aprazível e alta que a tudo mira com tranqüilo amor; como a lua que se banha na água quieta, onde todos podem beber sua luz.

Ela era como a pomba torcaz que, quando canta, faz suspirar todo o monte. Era como o orvalho que cai sobre as folhas e as recobre de frescura e claridade.

Era como o algodão de prata, que voa com o vento e adorna o ar, e como o resplendor do sol, que faz nova a vida.

E era por isso a flor que floresce no mês de *moan*¹, a alegria e o perfume do campo; a cor para os olhos, a suavidade para as mãos, a canção para os ouvidos, e para os corações o amor.

Assim era no Mayab a princesa Sac-Nicté, que nasceu no dia longo das três cidades, em meio do tempo da glória.

Está escrito na obscuridade quem era; porém os que a viam com seus olhos a denominavam assim como se chama. Este seu nome se respira ao dizê-lo, como o aroma do campo ao amanhecer.

Dizem que a princesa Sac-Nicté nasceu na noite clara em que o "luzeiro em que brilha a vida" se junta com o Sol.

Nasceu do rei Hunacel, o forte e formoso nas batalhas, e da mulher bela que se chamava: a Estrela Cor de Ouro.

E foi, naquele tempo de esplendor, a Princesa de Mayapán, a fortaleza dos maias. Foi a bandeira e a coroa do Mayab, quando as três grandes cidades haviam feito o pacto de estar sempre juntas.

Haviam vivido suas duas primeiras vidas Uxmal e Chichén-Itzá, e a valorosa Mayapán era nova e orgulhosa.

Os três reis mantinham amizade e de um para outro lado se ia e vinha pelo Mayab sem encontrar

exércitos, porque a paz era o fruto da aliança, desde muitas contos de anos. Mas tudo tem um fim.

Chichén-Itzá — cidade de cidades; Chichén-Itzá — dona das coisas mais belas; Chichén-Itzá — altar da sabedoria... que foi feito de ti?

A serpente dourada deixou de voar e perdeu as asas resplandcentes, e se fez obscura e se arrastou pelo solo; porém sempre era bela, ainda que fosse triste.

Assim, os filhos da luz que enche o ar caíram na terra, e os reis de Chichén mudaram de nome e passaram a chamar-se "Canek", que quer dizer "Serpente Negra".

O último príncipe Canek era o grande senhor de Chichén-Itzá, quando acabou a segunda vez. Vamos narrar e cantar o amor desditado da Serpente Negra com a Flor Branca do Mayab.

Vamos contá-lo cantando para adornar a tristeza e para que o coração o receba com música. Ouvi e aprendei, porque de todas as nações se pode aprender algo.

O príncipe Canek, quando tinha sete anos, matou uma borboleta e a desfez entre seus dedos, que se cobriram de cores resplandcentes. Naquela noite sonhou que se transformava em larva.

Quando este príncipe alcançou duas vezes sete anos, achou um veado pequeno caído na armadilha de um caçador. Com sua lâmina abriu as entranhas do pobre animal que gritava chamando a sua mãe, arrancou-lhe o coração, oferecendo-o a um dos deuses negros que ajudam os bruxos. Suas mãos se encheram de sangue. Naquela noite sonhou que era um tigre sedento, e ao despertar não o esqueceu.

Quando este príncipe alcançou três vezes sete anos, foi levado ao rei dos *itzaes*², e nesse mesmo dia viu a princesa Sac-Nicté. Naquela noite nada sonhou porque não dormiu, mas sim chorou até o amanhecer, com o primeiro pranto de seus olhos. E sentiu-se triste para toda a sua vida.

A princesa Sac-Nicté, quando tinha cinco anos, deu de beber a um caminhante uma xícara de água fresca. E, enquanto a dava, mirou-se nela e a água refletiu seu olhar e seu rosto. Na água da xícara brotou uma flor.

Quando a princesa Sac-Nicté atingiu duas vezes cinco anos, indo pelos campos de milho, veio uma pomba que pousou em seu ombro. Ela deu-lhe grãos de milho na palma da mão, beijou-a no bico e a fez voar pelo ar.

Quando ela alcançou três vezes cinco anos, viu o príncipe Canek, que se sentava então no trono dos *itzaes*. E seu coração ardeu com a chama do sol novo.

Toda a noite desse dia dormiu com um sorriso nos lábios e despertou como se em seu corpo e em sua alma se houvesse acendido uma luz alegre.

Ela sabia que seu tempo era chegado. Para a flor escondida vêm os sóis de *moan*, que a abrem e dão-lhe a preciosa cor, e vem o vento claro do amanhecer, que move os perfumes. Assim, a princesa Sac-Nicté floresceu sobre a terra do Mayab, no dia em que seu destino tomou forma.

A grande pedra antiga que foi escrita na obscuridade diz como sucedeu. E se canta assim, agora com voz que tremula.

À soberana cidade de Itzmal, foi o príncipe Canek para purificar-se ante o rosto do Senhor Zamná, segundo o costume, porque iria reinar em Chichén, sobre os *itzaes*.

O príncipe tinha o ânimo abatido e frouxo o coração. Assim subiu as vinte e seis escadas do Templo e empalideceu ante o rosto do Pai de seus irmãos. Suas pernas de caçador tremeram quando abaixou-se e seus braços de guerreiro estavam caídos.

A Serpente Negra viu então a princesa Flor Branca, e sua vida se transformou.

A grande praça de Itzmal estava cheia de gente que havia chegado dos quatro cantos do Mayab para a festa e para ver o príncipe.

Todos os que estavam próximos viram o que se passou. Viram o sorriso da princesa e seu olhar resplandcente. Viram o príncipe fechar seus olhos e apertar seu peito com as mãos frias.

Porém não viram a flecha que veio de cima e cravou-se nos dois ao mesmo tempo, e os deixou unidos um ao outro, para cumprir-se a vontade dos altos deuses. Essa vontade, não a haviam compreendido os homens, pois para eles a princesa do Mayapán estava prometida, por desígnio de seu pai — o rei poderoso Huna cel — ao jovem Ulil, príncipe de Uxmal, que era filho dos *uitzes* e herdeiro da aliança das três cidades.

Em Itzmal estavam os três grandes senhores no dia da purificação, e ali se viram e inclinaram-se uns ante os outros. A princesa Sac-Nicté brilhou sobre eles como a lua clara. E escolheu a vida do príncipe Serpente Negra para levantá-la à sua luz e à sua doçura.

Grande foi este dia para a terra do Mayab.

Príncipe Canek, príncipe Canek, que sabias tu quando a miraste?...

Grande reino de Itzá: toda a tua grandeza estava triste e o brilho de tua antiga luz se apagava, e tua serpente negra se arrastava no obscuro, quando apareceu frente a ti a princesa Sac-Nicté, e foi como se acendes-se uma estrela no coração de teu príncipe!

Chichén-Itzá, casa branca do Santo Sol: estavas sombria quando ela veio consumir tua sorte! Porém não o sabias!

Homens de Itzá, filhos da Luz Antiga: quando estáveis caídos e sobre vós se preparava o raio do castigo, deu-se a salvação! O Senhor Escondido, que amava os filhos dos homens santos, mandou a Flor Branca do Mayab para iluminá-los, quando chegou o dia. Dia em que o Acima e o Abaixo juntaram-se para abrir um caminho novo sobre a terra do Mayab.

Aquele foi o dia em que o príncipe Canek se coroou sobre Chichén-Itzá e se começou a contar os trinta e sete dias que faltavam para o casamento do príncipe Ulil com a princesa Sac-Nicté.

Vieram os mensageiros de Mayapán ante o rei de Chichén e disseram em embaixada: "Nosso senhor Hunacel convida seu amigo e aliado para a festa das bodas de sua filha, que será a glória do Mayab."

E respondeu o rei Canek, com os olhos acesos: "Dizei a vosso senhor que me verá nesse dia".

Outra embaixada veio, na metade da noite, quando o rei dos *itzaes* estava só e dolorido, mirando as estrelas na água.

Veio um anãozinho velho e disse ao ouvido do rei: "A Flor Branca está te esperando, presa entre as folhas frescas; há de deixar que outro a arranque para ele?"

E se foi o velhinho, pelo ar ou por baixo da terra. Ninguém o viu senão o rei e ninguém o soube.

Nas pedras esculpidas onde se escrevia o tempo, foi gravada e pintada de cores a figura da princesa Sac-Nicté, a que não se esquece nunca na terra dos maias.

A seu lado puseram o rosto do príncipe Ulil, que ia ser seu esposo, e abaixo escreveram palavras bonitas que queriam dizer: "Destes virá a grandeza do Mayab, e neles se assentará a paz e a abundância da terra".

Na grande Uxmal puseram estas pedras e coroar-nas de flores.

De Mayapán foi a princesa com todos os senhores de sangue de Cocóm, e com seu pai, o rei Hunacel, e uma procissão brilhante percorreu o caminho, enchendo-o de cantos.

Até mais além da porta de Uxmal foi o príncipe Ulil com muitos outros nobres e guerreiros receber sua prometida. E quando a viu, ela chorava.

Todos os demais estavam alegres e dançavam pelas ruas e praças, porque ninguém sabia o que iria suceder.

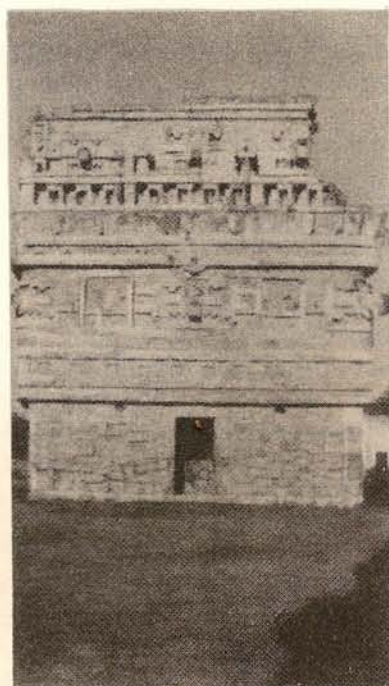
As plumas de faisão e as faixas alegres resplandeciam entre as armas.

Todo o caminho até o palácio dos reis estava adornado com plantas e com mastros pintados de cores brilhantes.

Em Uxmal se fazia a festa dos esponsais e todos bebiam e gritavam de contentamento quando passaram os príncipes que se iam casar. Porque ninguém sabia o que iria suceder.

Os sacerdotes velhos, que podiam sabê-lo, estavam encerrados em suas celas altas dos templos, para não falar diante dos homens. Não se podia torcer a vontade de cima, pois já havia mandado que se realizasse no Mayab outra coisa que a que esperavam as pessoas.

Pronto se viu, pronto se viu o que estava escrito no obscuro, e outro rumo tomaram as coisas para todos!



"La Iglesia", em Chichén-Itzá

Três dias de grande festa ofereceram aos senhores em Uxmal, repleta de alegria. Era já o terceiro dia e a Lua estava grande e redonda, como o Sol. Era o dia bom para a boda de um príncipe, segundo a regra do céu.

De todos os reinos, próximos e longínquos, chegavam a Uxmal convidados de grande estirpe, reis e também filhos de reis.

Vieram do Império de Yibalbé e trouxeram tapetes sagrados carregados de oferendas e adornados com jóias.

Vieram de Chacnohuothhán, em nome do rei de Tuhlá, catorze embaixadores que trouxeram nove veados brancos, com os cornos e os cascos de ouro.

Vieram de Copán sete grandes senhores em liteiras de carapaça de tartaruga e trouxeram bandejas de plumas de *quetzal*³ radiante.

Vieram de Nachancaán um príncipe e três sacerdotes, que trouxeram um livro dos horóscopos, feito pela sabedoria de seus sábios, e muitos colares de esmeraldas.

Vieram de Yaaxchilám vinte guerreiros jovens com embaixada de seus reis e trouxeram azeite aromático e brincos de ouro.

Vieram de Zacuí, a cidade branca e doce, e trouxeram pássaros ensinados a cantar como música do céu.

E de todas as partes chegaram embaixadores, presentes e mensagens, de todos os senhores da terra. Menos de Chichén-Itzá e do rei Canek, principal entre os principais.

Foi esperado até o terceiro dia, porém não veio nem mandou notícia sua. Pareceu estranho, e acarretou inquietude ao coração dos grandes, porém não ao da princesa. Porque eles não sabiam. E ela sabia e esperava.

Na noite do terceiro dia de festas se pôs o altar do casamento, e não havia chegado o senhor dos *itzaes*, nem homem seu vinha pelo caminho. Não esperaram os que não sabiam.

Princesa Sac-Nicté! Flor Branca do Mayab, luz da lua, pomba torcaz, água transparente, filha do luzeiro da tarde: estás vendo chegar a hora do teu destino! Estás vestida das cores puras e adornada de flores, e vais ser dada a um homem diante do altar. Porém outro é o caminho que se abriu para cumprir a vontade de cima.

O que não se passa em mil anos pode se passar em um instante. Basta que suspire no vento um deus, e o rumo do vento muda.

Tu o sabes e esperas, princesa Sac-Nicté, que puseste teu coração em um homem triste.

Príncipe Canek, o que buscas desesperado na sombra? Foste ao secreto do templo e perguntaste ao deus e não mereceste que te respondesse. Sentes que teu amor está no que é demasiado alto, porque a princesa Sac-Nicté é para ti como uma estrela distante, ainda que tu sejas um príncipe e aqui embaixo sejas igual a ela.

Príncipe Canek, queres alcançar para ti o luzeiro da manhã; queres arrancar para ti a Flor Branca do Mayab.

Que dirias, príncipe dos *itzaes*, se soubesses o que está escrito na obscuridade?

A Serpente Negra será salva, porque a mulher puríssima, em cujos olhos miram os deuses, quis mirá-la com doçura.

O povo que é filho dos homens que foram santos será livre do castigo e mudará seu rumo.

Está acesa a luz que há de conduzir os *itzaes* pelo caminho novo e pela nova peregrinação.

Que dirias, príncipe Canek, se o soubesses?

Na festa das bodas da princesa Sac-Nicté com o príncipe Ulil se esperou três dias o senhor de Chichén-Itzá, sem que chegasse.

Porém o príncipe Canek chegou à hora em que era preciso.

Saiu, de pronto, em meio de Uxmal, com sessenta de seus guerreiros principais e subiu ao altar onde ardia o incenso da boda, e os sacerdotes estavam cantando. Estava vestido de guerra e com o signo de Itzá sobre seu peito.

— Itzalán! Itzalán! — gritaram seus homens nas grades do templo, levantando suas lanças.

— Itzalán! Itzalán! — gritaram como no campo de combate.

Não o gritaram três vezes; nem um só braço se havia levantado contra eles, quando já se havia cumprido tudo.

O príncipe Canek entrou como um vento inflamado e alçou a princesa Sac-Nicté e a arrebatou em seus braços diante de todos. Ninguém pôde impedi-lo.

Quando quiseram vê-lo, já não estava ali. Ficou só o príncipe Ulil frente aos sacerdotes e junto ao altar. A princesa se perdeu de seus olhos, arrebatada pelo rei que veio como um relâmpago.

Ali vão os guerreiros do Itzá com seu senhor, que leva abraçada a princesa Sac-Nicté!

Todos se vão e desaparecem, e assim se acaba a festa das bodas.

As ruas e as praças estão cheias de gente, que canta embriagada de *balché* e não sabe o que ocorre.

As guardas do príncipe Ulil perderam suas armas e não as encontram. Quem está armado em Uxmal em dia de grande festa?

— Itzalán! Itzalán! — gritaram os guardas do príncipe Canek quando ele roubou a princesa frente ao altar das bodas, adornada com flores e com as argolas das desposadas.

Quando soam os caracóis e címbalos, e a raiva do príncipe Ulil grita pelas ruas para convocar os homens de guerra, já ninguém vê o senhor dos *itzaes*, nem fica vestígio dele, nem da princesa, nem de nenhum dos seus.

“Príncipe Canek! Arrebataste a estrela e arrancaste a flor! Quando ia luzir a manhã do casamento apagaste o fogo virgem e levaste a luz dos maias!” Assim estava dito na voz que não se escuta, e assim se cumpriu.

Havia ido o príncipe Canek desde sua cidade de Chichén até a grande Uxmal, sem que ninguém o visse. Foi pelo caminho oculto que há por baixo do solo, de um templo a outro templo, de um lugar a outro lugar, nesta terra santa dos maias.

Estes caminhos se vêem agora de vez em quando. Antes somente os conheciam aqueles que os deviam conhecer.

Pelo caminho amplo e fresco que vai desde Chichén dos *itzaes* até Uxmal, aberto na pedra debaixo do solo, foi o príncipe Canek buscar a princesa que tinha que ser sua por mandato dos deuses.

Assim viu o rosto do príncipe Ulil o tempo que dura um pestanejo, e roubou a ave dulcíssima, quando já a iam pôr no ninho que não lhe estava destinado. Não caiu nem uma gota de sangue; porém a festa destas bodas acabou tristemente para o príncipe Ulil e para o rei de Mayapán, Hunacel, o muito grande. Porque nenhum deles conhecia a vontade de cima!

Assim devia ser!

Ah! a vingança que vai cair sobre Chichén, que está débil e cansada do suave dormir, dos jogos alegres e dos beijos ardentes! Há uma hora para os *itzaes* e já chegou. Já se esgotou a medida de um tempo.

Aguçam-se as armas outra vez no Mayab e levantam-se os estandartes da guerra. Juntam-se Uxmal e Mayapán contra o Itzá!

Nos caminhos há pó de pisadas e nos ares há gritos. Sobre a casa dos guerreiros soa dia e noite o címbalo rouco e troveja o caracol.

Que vai ser de ti, cidade de Chichén, dormida no solo de teu príncipe?

Castigada há de ser; porém tens a Flor Branca, que é a luz e a glória do Mayab, e teu castigo será tua salvação.

Eis aqui como os *itzaes* deixaram suas casas e seus templos de Chichén, a segunda vez em seu tempo, e abandonaram a cidade bela de seus pais, que está recostada à borda da água azul, e rescende como o mel de flores sob o sol que inflama a vida.

Todos se foram chorando, uma noite, com a luz dos astros. Todos se foram em fila, com as estátuas dos deuses e os livros dos templos. Não ficou em Chichén mais que o silêncio pesado.

A princesa Branca Flor encheu de força o coração do príncipe Serpente Negra e abriu seus olhos para ver o caminho. Diante dos filhos de Itzá ia o príncipe Canek, caminhando pela senda aberta em meio do monte, envolto em um manto branco, sem coroa de plumas na frente.

A seu lado ia a princesa Sac-Nicté, que resplandecia como a Lua. Ela levantava sua mão e indicava o caminho, e todos iam atrás. Um dia chegaram ao lugar tranquilo e verde, junto à laguna quieta, onde está o

sagrado Petén, longe de todas as cidades. E ali puseram o assento do reinado e edificaram as casas simples da paz.

Voltaram aos tempos antigos e a Serpente Negra sentiu renascerem suas asas e se levantou outra vez pelo ar.

Para o Itzá brilhou sobre o céu a luz de sete cores, que era a princesa Sac-Nicté, que estava sorrindo aos homens da terra.

Ela reinou sobre os corações e os fez puros e brancos. Assim, até que pouco a pouco se acabou o Itzá, ao fim do tempo marcado, como a flor do Sol, que o segue todo o dia e morre quando o dia se apaga...

Salvaram-se assim os *itzaes*, pelo amor à princesa Branca Flor, que entrou no coração do último príncipe de Chichén para apartar o castigo.

Solitária e calada ficou Chichén-Itzá, em meio do bosque sem pássaros, porque todos voaram atrás da princesa Sac-Nicté.

Chegaram a ela, numerosos e enfurecidos como vespas, os exércitos de Uxmal e de Mayapán e não encontraram nem o eco de um suspiro nos palácios vazios e nos templos sem deuses.

Então sua ira pôs o fogo do incêndio sobre as casas dos *itzaes*, e marcaram com o fio de seus machados as portas abertas, e derrubaram os altares. E retornaram de lá para que a vida do Mayab seguisse como devia seguir.

Chichén-Itzá ficou só e morta, como está hoje, abandonada desde esse tempo antigo, junto à água azul do grande poço da vida e junto à água vermelha do grande poço da morte, como foi fundada. Cada um de um lado da grande cidade, de quem ninguém mais fala senão a voz escondida que ninguém escuta. Algum dia se escutará!

No mês de *moan*, quando a vida se renova sobre o mundo, brota a flor branca no Mayab e adorna de cor as árvores e enche o ar de suspiros fragrantos.

O filho do Mayab a espera sempre e diz, com toda a ternura de seu coração, o nome dulcíssimo da princesa Sac-Nicté.

Autor:

Antonio Mediz Bolio, *Este es el libro de Chichén-Itzá y de la Princesa Sac-Nicté in La Tierra del Faison e del Venado*, Editorial Novaro - México, 1957, pags. 55-73.

NOTAS

- (1) Mês da primavera.
- (2) Habitantes de Chichén-Itzá.
- (3) Beija-flor.

A Linguagem Simbólica no Processo de Religação: HOMEM-INFINITO

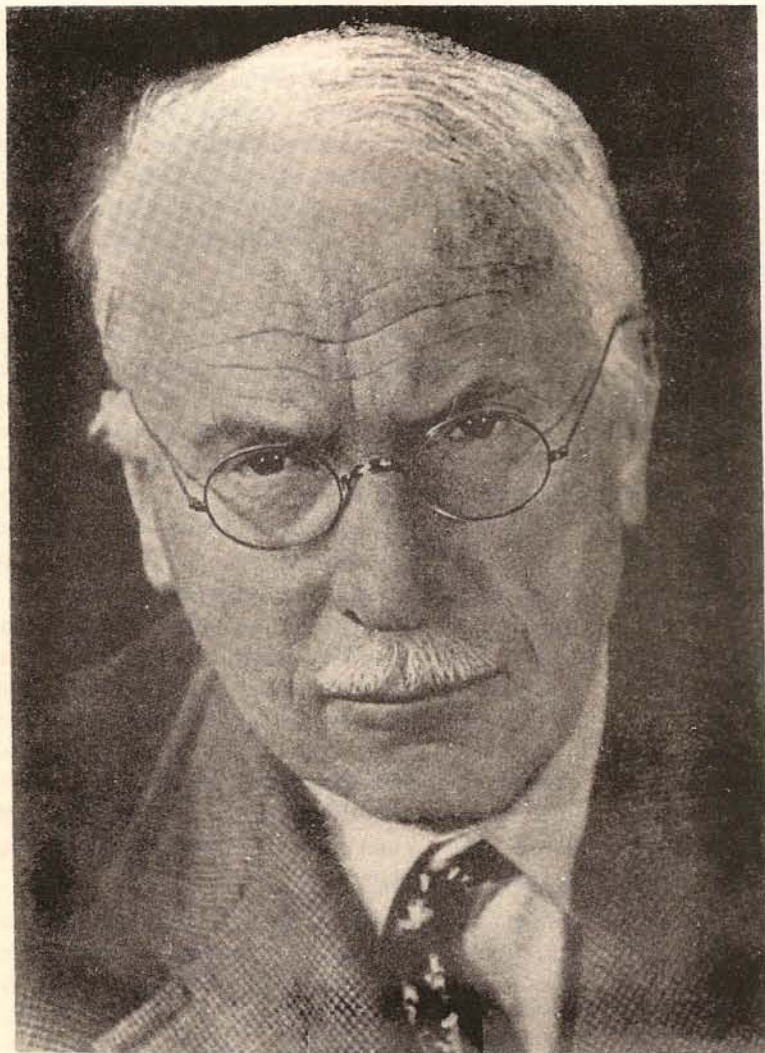
A Simbólica, sendo uma linguagem humana, sem dúvida é universal. Tal aspecto pode ser observado na linguagem onírica, por exemplo, onde o sonho se apresenta com uma certa quantidade de símbolos, fato que levou os psicólogos modernos, como Jung, à construção dos chamados **arquétipos** do subcon-

ciente e do inconsciente, que vão estar presentes em toda nossa vida psíquica sendo mais evidentes nas neuroses. Graças à Psicologia Profunda, os estudos simbólicos tornam-se, dia a dia, mais exigentes e objeto de pesquisas, já que nos símbolos vai se encontrar a fonte para explicar uma série de conceituações religiosas e, tam-

bém, maneiras de sentir o mundo: a **religação entre Homem e Infinito**.

A Simbólica tornou-se, desse modo, uma ciência importantíssima e, quanto a sua aplicabilidade ao estudo das religiões seria, a nosso ver, o verdadeiro caminho para se alcançar o ecumenismo, já que todas as religiões se referem ao mesmo simbolizado, embora os seus símbolos sejam distintos. Apesar de certas religiões quere-rem ser exclusivistas, manter uma posição hierárquica superior às outras, na verdade a linguagem de todas elas é simbólica, pois se referem aos mesmos princípios. Há uma unidade no pensamento humano e, para tal, teria de ser feita uma interpretação simbólica chegando-se, então, à seguinte afirmação: não há impermeabilidade entre uma religião e outra; a diferença está na gradatividade dos símbolos, na escolha qualitativa.

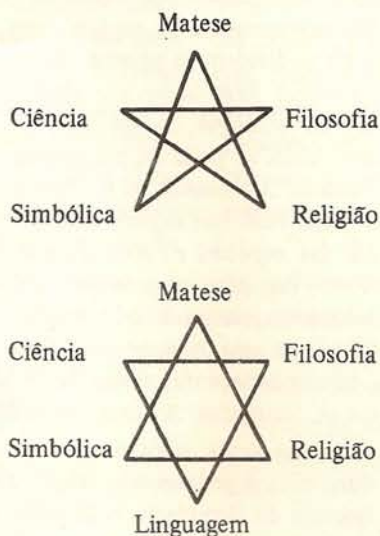
Observa-se entre os povos coletores, caçadores, pastoris, agricultores e nos industriais, que a simbólica vai corresponder a cada um desses estágios, mas se liga, se interpenetra, havendo uma interligação de símbolos. Assim o coletor, quando se torna caçador, não deixa de manter os seus símbolos anteriores; o que se dá é uma amálgama, se não completa, parcial. Há casos de paralelismo, de fusionabilidade, sendo que o grau do significado varia conforme os povos. Por exemplo: os símbolos meteorológicos são muito mais eficientes e estão presentes com mais intensidade num povo agri-



Carl Gustav Jung

cultor do que num povo dedicado à coleta. Assim, os símbolos da animalidade — os heteromórficos, os biológicos, os da Natureza, da espécie, do coletivo específico, do coletivo racial — são esteios da Simbólica, que vão se acumulando no decorrer dos tempos e formam verdadeiras camadas sedimentadas que permanecem, por exemplo, nos sonhos junto com os anteriores, aflorando muitas vezes. De forma que a Simbólica, se a uma primeira vista oferece imensas dificuldades para ser elaborada como uma ciência, ela não deixa de ter possibilidades de sê-lo após um estudo da identificação, da analogia, da ambivalência, da hierarquia e das referências do símbolo, segundo as esferas e os graus histórico-econômicos do homem. É preciso, então, estabelecer-se claramente a divisão dos símbolos em: positivos e negativos, nos seus aspectos superiores e inferiores, distinguindo-os da alegoria, da metáfora, da quimera, etc. Dessa forma pode-se chegar a uma construção, não só da **semântica simbólica**, mas da **sintaxe simbólica**, a ponto de se poder construir uma verdadeira linguagem que não a do símbolo, mas das **interpretações simbólicas**, isto é, dos conteúdos não só eidéticos noemáticos, mas de outros, inclusive **arquetípicos** que o ser humano contém, e que estão presentes e atuantes na linguagem simbólica. Seriam, assim, reduzidas a uma espécie de metalinguagem que incorporaria a Ciência, a Filosofia, ou seja, a **Mateza**, que apresenta-se como a metalinguagem da Simbólica, da Ciência, da Filosofia, inclusive da Religião. Do ponto de vista cultural, ela pode ser representada por uma estrela de cinco pontas, colocando-se na ponta mais elevada desde que explica — como metalinguagem — as outras. Caso quiséssemos, poderíamos colocá-la numa estrela de seis

pontas — a estrela de Davi — onde estariam juntamente: a linguagem comum, a vulgar e a pragmática.



A Simbólica, analisada através dos diversos planos, poderia ser, como já dissemos anteriormente, um caminho de verdadeira união entre as religiões, pois os **simbolizados são sempre os mesmos, o que varia são os símbolos**.

Dessa forma, o símbolo primário é um símbolo do secundário, o secundário, por sua vez, do terciário, e assim sucessivamente. De maneira que, se algumas religiões ainda estão no símbolo terciário, como se pode observar em determinados cultos de cunho primitivista com o uso de símbolos heteromórficos — formas animais — elas não deixam de estar fundadas na esquemática do subconsciente coletivo humano e têm um valor simbólico inegável, já que se referem ao mesmo simbolizado. Este, numa religião mais racionalizada, terá uma participação formal com o simbolizado.

Só é possível aproximar os homens desde o momento que se fale uma linguagem universal que todos possam entender e, se os símbolos criam aparentes divergências entre os homens, os simbolizados não, pois são os mes-

mos. De forma que, com o decorrer dos tempos, graças à Simbólica será possível entender-se as diversas religiões e aí haveria o caminho para uma religião universal, uma religião do homem, religando-o novamente ao Ser Supremo. Isto talvez não agrade a muitas seitas e cultos, que querem manter os seus símbolos, criando embaraços aos novos que são propostos. Estamos, porém, forçados a marchar para o ecumenismo, seja pelo próprio progresso da Ciência, pelo da técnica, do conhecimento que, cada vez mais, aproxima os povos. A Simbólica, como método de interpretação, como dialética, facilitaria a compreensão das idéias religiosas e, com o passar dos tempos, seria a porta aberta à aproximação humana falcitando o verdadeiro ecumenismo. Este surgiria daí, não pela subordinação das idéias religiosas umas às outras ou todas a uma que seja a única, mas sim, através de uma linguagem usando o símbolo primário, o secundário, o terciário, unindo todos os povos e respeitando-se um único princípio.

Observa-se que todas as religiões se preocupam com a Divindade, mas nem todas olham o homem no seu verdadeiro sentido; sendo ele um microcosmo é, de certa forma, feito à semelhança de Deus. Daí, conseqüentemente, não é na sua supervalorização que alcançaremos a Divindade, mas na sua valorização. A Simbólica permite interpretar o símbolo; por exemplo: as *Upanishads*, ao afirmarem que o Ser Supremo, antes da Criação, pairava sobre as águas, apresenta nítidas semelhanças com a expressão do *Gênesis* mosaico. Ora, qual é a semelhança que poderiam ter as águas em ambos os casos? A água é uma matéria que assume todas as formas segundo o continente em que estiver, sendo de uma plasticidade muito grande, ou melhor, tem a

possibilidade de ser moldada de diversas e múltiplas maneiras. Então, o que poderiam significar estas “águas” nos textos religiosos? Algo, um termo, que pode receber, indefinidamente, formas. Deus paira sobre tudo isso. Este “pairar” dá a idéia de algo que está acima deste, que exerce uma hegemonia sobre essa potência.



Krishna

Essa potência é algo Dele, algo que Ele pode dominar, que pode marcar, enformar, etc; daí decorre que a idéia de gênese nas *Upanishads*, como a idéia de gênese mosaica, é de que o Espírito de Deus paira, tem hegemonia, tem o poder de enformar uma potência que é infinitamente apta a ser enformada: a capacidade ilimitada de ser enformada, já que existe uma perfeita proporcionalidade entre o infinito poder de Deus e uma infinitude potencial de receber essas atuações. Daí se ver que a Simbólica, sendo tratada pelas reduções eidéticas, permite unir os diversos pensamentos religiosos. Vejamos outro exemplo:

quando Krishna, no *Bhagavad-Gita* diz a Arjuna: “farei elevar-me acima dos pares de contrários”. Onde estão os pares de contrários? São precisamente as espécies nas quais se dividem os gêneros; se há contrários deve haver um gênero que os analogue, acima deles e, neste caso, só pode ser a Suprema Unidade. A promessa de Krishna é de fazer com que Arjuna suba acima das espécies e, conseqüentemente, dos gêneros próximos até os remotos, chegando ao transcendental que está, hegemonicamente e hierarquicamente, acima de todos os contrários. A interpretação simbólica dessa passagem se coaduna com o pensamento cristão a respeito da Divindade. A Simbólica tratada mateticamente, através da dialética simbólica, completa a dialética ontológica e permite que se encontre os pontos analogantes — os *logoi* analogantes — de todas as religiões. Sob esse aspecto as religiões são uma só e o Cristianismo, por ser uma religião do homem, alcança certas revelações das verdades superiores. A Trindade cristã coaduna-se, analogase perfeitamente com a própria trindade do funcionamento espiritual da mente humana, que está dividida em: **entendimento, vontade e amor**. O entendimento é um amor da verdade, a vontade é um amor do bem e o amor é a *oréxis* que une a vontade ao entendimento porque, quando amamos, queremos alguma coisa que escolhamos como digna do nosso amor, de forma que os três se completam, como três funções de uma mesma e única substância. O ser humano, na sua constituição mental, funciona como a concepção que os cristãos fazem da Trindade. O homem, de certo modo, tem uma trindade que é análoga à Trindade Divina, como esta seria a analogante principal e a do homem uma analogante secundária. Fomos feitos à semelhança de

Deus porque, precisamente, posuímos essa trindade dentro de nós. O Cristianismo é uma religião que surgiu de uma revelação através do próprio homem; não depende de raça, ciclo cultural. A prova é que apareceu entre os judeus e se adaptou melhor num ciclo cultural que não o judaico. Por isso o seu Deus teria de ser humano e a sua divindade é encarnada no homem. O sentido da *incarnatio* é profundamente simbólico. O homem do Cristianismo não é movido pelos deuses, algo que é determinado, como um ser que apenas tem de fazer o sacrifício de si mesmo para chegar à Divindade. Nele se dá a superação humana, que é feita pela purificação da vontade, pela clareza e acuidade do entendimento e pelo amor. O Cristianismo pede ao homem que seja perfeito naquilo que ele tem de próprio, de si, aproximando-se assim da Divindade à proporção que se torne perfectivamente mais homem, distinto de todas as outras religiões. É uma religião de caráter ecumênico, universal, podendo oferecer ao homem uma solução para os seus mais angustiosos e premente problemas.

YOLANDA LHULLIER DOS SANTOS

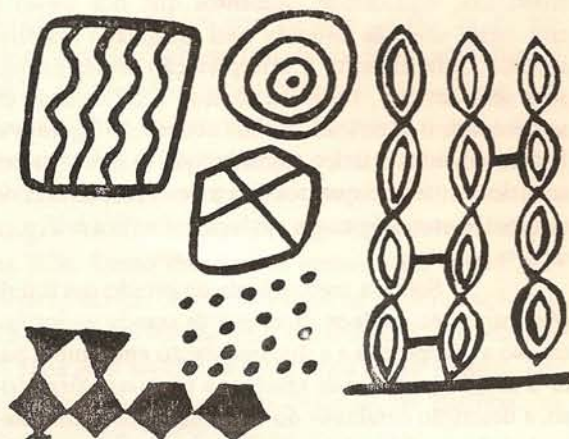
A Arte Rupestre Brasileira

A arte, expressão cultural humana, resulta da necessidade de manifestação física das percepções sensoriais das realidades física e metafísica. O conteúdo formal depende das circunstâncias temporais do meio-ambiente, ao mesmo tempo que, sujeito à evolução de temas e técnicas, inferidos por estilo próprio, sugere alteração contínua.

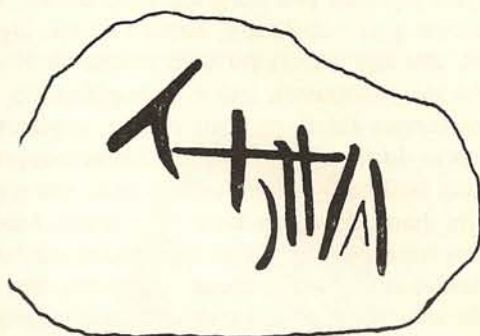
Assim, sabemos que o Homem, há mais de dois milhões de anos, domina a forma como instrumento utilitário de comunicação sócio-político-religiosa, capaz de representar a sua imaginação em relação direta com a Natureza que o cerca. Da necessidade atávica de sobreviver e perpetuar a espécie, na sua evolução histórica, criou instrumentos de caça e pesca, armas de defesa pessoal e utensílios domésticos; desenvolveu técnicas de construção de abrigos periódicos e, no auge de sua tentativa de integração plena com o meio-ambiente, criou objetos de adorno e símbolos que lhe conferiam ligação direta com os animais que desejavam utilizar, caçar, imitar ou cultuar durante os seus rituais festivos ou fúnebres. Essas ligações não significavam que o Homem acedia à condição de ser mais fraco, mas sim à de se tornar invencível pela adição das forças da Natureza à sua própria.

É evidente que o momento artístico, involuntário, limitou-se ao átimo da criação; a seguir, a reprodução dos objetos situa o Homem no plano artesanal. A partir daí, desenvolveu técnicas de execução que o fez criar os mais diversos instrumentos de ampliação dos seus poderes.

Naturalmente, praticou a modelagem em argilas variadas, esculturas por lascamento, picoteamento e alisamento, e a arte de gravar e pintar sobre elementos perecíveis e rochosos.



Desenhos Geométricos, Pedra Pintada - Roraima



Gravuras em pedra, Piracicaba - São Paulo



Cervídeos flechados, Serra do Cabral - Minas Gerais

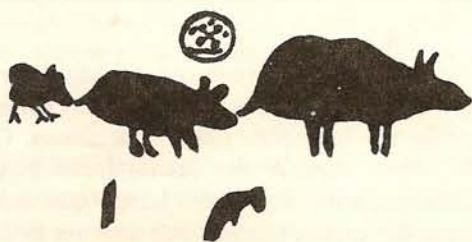
A arte rupestre manifestou-se através de elementos gráficos, hoje pouco conhecidos no seu sentido, pois expressam idéias de sociedades primitivas. Ao lado duma representação figurativa naturalista, tendo como tema principal os animais, desenvolveu-se uma arte não-figurativa nascida, quer da estilização duma forma natural, quer do desejo de experimentação de técnicas que permitiam reproduzir, sinteticamente, as suas idéias. No caso de símbolo convencional, a idéia transformada em sinal, tem por objetivo ser entendido por certo número de indivíduos; mas, se esse sinal busca expressão introvertida, não visa mais do que a satisfação própria experiencial do seu produtor. Porém, temos que considerar uma alternativa, ainda que vacilante: a simples projeção decorativa de suas idéias em analogias formais, sem inferições conceituais desta ou daquela espécie.

Não podemos incorrer no erro da analogia sistemática, isto é, querer comparar inscrições de diversos países, cujo desenvolvimento histórico não é compatível com o brasileiro. Falharíamos ao querer, por exemplo, realçar as semelhanças entre as figuras da Gruta de Singapura, na Índia, com as da Itacoatiara de Ingá (Paráíba), no Brasil.

Embora concordemos que, por representações esquematizadas, o Homem chega a inculcar idéias interpretáveis pela sua gente, isto, também, não é suficiente para admitirmos, como o tentam alguns autores, que seja a tentativa dum sistema de escrita baseado em pictogramas, isto é, exemplificando, como nos tempos atuais, na nossa cultura, as placas sinalizadoras do trânsito transmitem idéias interpretativas com facilidade convencional, porém, não têm a estrutura duma linguagem social sistemática. Através de tribos remanescentes, sabe-se que alguns símbolos encontrados em painéis de pinturas rupestres têm significado semelhante ao das placas de trânsito, isto é, expressam, não um significado único, introvertido, mas sim uma idéia contextual, tal como, melhor dizendo, a idéia de Deus, para nós. Em diversos casos constatamos a presença de figurações antropomórficas, não só em painéis, assim como em troncos de árvores vivas e, ocasionalmente, desenhadas no solo, que representam Mamaés, seres sobrenaturais relacionados com a Natureza e, às vezes, com alguma categoria da vida social. Tal é a infinidade de Mamaés, que tudo, além de animais, plantas, estrelas, pode ter um Mamaé; até um instrumento utilitário tal como a pá de virar beiju (bolo de massa de tapioca ou mandioca) pode ter um. Entre os Uaurás, encontramos um ente ao qual denominam Apasa, e entre os Meinacos, ambos de cultura xingwana, verificamos a presença dum ser ao qual chamam Papanheem.



Veado e Peixe. Cerca Grande – Minas Gerais



Figuras Zoomórficas. Gruta do Maquiné – Minas Gerais

Outros símbolos, tais como os de significação astronômica, também podem ser interpretados de maneira duvidosa, pois além da inferição astral propriamente dita, podem ter significado puramente religioso, isto é, sem técnicas de astronomia, visto que é conhecido o fato de diversas tribos adorarem o Sol, a Lua, etc., como entes sobrenaturais. Pelo alto respeito demonstrado pelos indígenas que se deparam com painéis gravados ou pintados, temos a nítida impressão de que essas inscrições têm um íntimo sentido religioso, visto a alusão deles a deuses e ao Grande Espírito (Tupã), que teriam realizado as inscrições.

Em conjunto, todas as figurações que ocorrem em elementos rochosos, em todo o Brasil, representam grupos complexos, onde cada grupo contém uma certa classe de representações, o que demonstra desigualdades, não só de intenção e objetivo, mas ainda de autoria e cronologia.

O parco conhecimento sobre arte parietal gerou as mais variadas teorias sobre as suas prováveis mensagens. A mais defendida delas é a que confere às gravuras e pinturas, contextos mágico-religiosos. Outra teoria diria que não seriam mais do que o retrato do seu cotidiano, com as cenas de caça, dança, etc.

Hoje, é mais plausível unificarmos as duas teorias, visto que, na maioria das gravuras e pinturas analisadas, verificam-se elementos que nos levam a crer nessa unidade inferida pela dualidade matéria-espírito. Infelizmente, a interpretação dessas expressões será, sempre, subjetiva, devido à dificuldade de se descobrir o significado da sua concepção figurativa. Evidentemente, o único caminho que se nos oferece, analiticamente, é o que nos leva a perceber, através de elementos cronológicos, a evolução temática e técnica da arte parietal.

Sobre a metodologia do estudo das inscrições rupestres, pode-se dizer que de grande importância são a prospecção e a documentação em campo, para o estudo e análise de gravuras e pinturas. Além disso, a descrição detalhada do sítio escolhido, com coleta de informações sobre o suporte rochoso, seu estado de conservação e cronologia relativa baseada nas superposições das figuras e nos estilos, assim como nas

pátinas originadas pelo intemperismo sobre a rocha-suporte; ainda, a temática, quando informa sobre atividades humanas, flora e fauna extintas.

Portanto, para classificar e documentar um sítio de inscrições rupestres, é necessário analisar todos os dados da área em estudo, seguindo alguns esquemas primários como a sequência exposta a seguir:

DESCRIÇÃO DA LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO

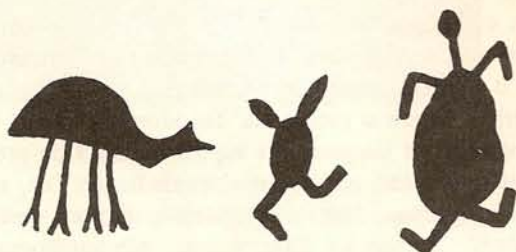
- Estado, Município e região.
- Topografia.
- Pinturas inseridas em: laje de pedra, paredão de abrigo-sob-rocha, parede interna de gruta, nicho pétreo ou fragmento rochoso.

APRESENTAÇÃO DAS INSCRIÇÕES

- Determinação da altura em que se acham as inscrições.
- Técnicas de representação: desenhos geométricos (traços filiformes, formas pectiniformes, zig-zags, círculos e semi-círculos, triângulos, quadrados, retângulos, losangos), figuras antropomórficas e zoomórficas, cenas de caça e dança, cenas de parto e fecundação humana e animal.
- Colorido (monocromáticas e policromáticas): brancas (carbonato de cálcio decomposto e tabatín-gua), pretas (carvão e dióxido de manganês), ocre-amarelo (limonita) e ocre-vermelho (óxido de ferro).



*Desenhos Geométricos. Letreiro.
São João Batista do Glória - Minas Gerais*



Figuras na Lapa do Dragão - Minas Gerais

ANÁLISES TÉCNICAS

- Análise química dos pigmentos para coloração.
- Análise das técnicas instrumentais para gravar e pintar.
- Análise tipológica: grupos (anfíbios, aves, mamíferos e réptis), tipos e sub-tipos, formas do corpo e dimensões, contornos (simples e pontilhados, delgados e espessos), perspectiva do corpo, movimento aparente, posição em relação ao conjunto, associação espacial, descrição da cena, posição na superposição, animais dominantes e animais complementares.
- Análise quantitativa: número de figuras e frequência.

COMPOSIÇÃO DO PAINEL

- Associações.
- Classificação dos estilos (pessoal, grupal ou regional).
- Definição dos estilos.
- Interpretação setorial.
- Interpretação geral.

MÉTODOS DE REGISTRO

- Fichas técnicas descritivas.
- Cortes topográficos.
- Croquis.
- Moldagens.
- Decalques.
- Plantas de grutas e abrigos-sob-rocha.
- Fotografias.
- Datação relativa: carbono 14 e termoluminescência.

As culturas indígenas atuais colaboram no estabelecimento de comparações através de documentação etnológica e etnográfica.

O MUPA - Museu Paulista de Antropologia, através do seu Departamento de Arqueologia, tem demonstrado o seu empenho contribuindo para a constatação e verificação de sítios com inscrições rupestres, e trabalhando para a preservação do registro cultural da pré-história brasileira.

TONYAN KHALLYHABBY

*Presidente do MUPA - Museu Paulista de Antropologia
Membro do *The American Museum of Natural History*
Membro da SBE - Sociedade Brasileira de Espeleologia
Membro da Sociedade Geográfica Brasileira

JUDÔ DE KÔDÔKAN

História e Filosofia

"O Judô de Kôdôkan não desaparecerá com minha morte. Basta pesquisar e estudar com base naqueles conceitos".

DR. KANÔ

O Jûjitsu é a origem de todas as artes marciais — diz a tradição. Engloba a luta a mão desarmada e o uso de algumas armas pequenas.

No Japão feudal, o Jûjitsu é conhecido por vários nomes, porém são mais comuns o citado e *Iauará*.

Desde a Pré-História, existem lutas a mão desarmada nos diferentes países. No Ocidente, a luta é o Boxe; no Japão, o Sumô — luta-livre nipônica — e o Jûjitsu.

O mais antigo livro escrito no Japão, *Kojiki* ou *Registro das Coisas Antigas*, de mitologia, 712 D. C., narra a disputa duma província por dois deuses. Em obra contemporânea, *Nihon Shoki* ou *Registro Escrito do Japão*, 720, histórico, há o duelo de heróis; é considerado o precursor do Sumô, mas bastante semelhante ao Jûjitsu segundo os estudiosos. A palavra *Iauará* aparece como sinônima de Jûjitsu no livro *Kônjaku Monogatari, Contos de Ontem e de Hoje*, do século onze, quando o país passa da velha para a nova aristocracia, a guerreira ou dos samurais¹.

À luta de pé tipo Sumô, os guerreiros acrescentam a de chão, o Kumiûti ou Corpo a Corpo, imprescindível no campo de batalha. A partir da segunda metade do século dezesseis, somam-se a Imobilização e a Ressuscitação ou Respiração Artificial, sistematizando-se o Jûjitsu. Suas técnicas englobam Projetar — Imobilizar — Segurar — Apertar — Torcer e quebrar as articulações — Bater — Chutar — Uso de Punhais — Respiração Artificial.

Com o tempo, o homem do povo também passa a praticar o Jûjitsu, para aprender a se defender a mão desarmada.

Existem mais de quarenta e cinco estilos diferentes a partir de 1532. Sua forma quase definitiva data da segunda metade do século dezesseis, com apogeu no dezoito. Professores e campeões rivalizam-se nas diferentes províncias. Suas técnicas apuradas servem também para o desenvolvimento da personalidade guerreira. Porém o alvorecer do Japão Moderno traz, além da extinção das classes sociais rígidas — guerreiros, lavradores, artesãos, comerciantes — a decadência do Jûjitsu como das demais manifestações tradicionais.

1 — JUDÔ DE KÔDÔKAN

O jovem Kanô, desejoso de fortificar seu físico, vai aprender Jûjitsu². Com sua larga visão, apara os pontos negativos, ressaltando os positivos. Unifica e codifica os conhecimentos existentes num conjunto eficiente, esportivo, inteligente e de finalidade nobre — sempre visando o bem e o progresso dos praticantes, instrumento único de educação integral, físico-moral-espiritual e científico, baseado em leis da Dinâmica principalmente: ação-reação, funcionamento da alavanca. Tudo isso oposto à violência e ao empirismo de outrora. Possui o melhor dos vários estilos antigos somados às técnicas novas aperfeiçoadas. É o Judô de Kôdôkan o mais digno herdeiro do velho Jûjitsu.

2 — OS QUATRO GRANDES

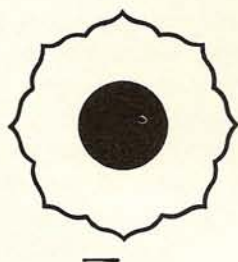
O jovem professor é ajudado pelos fiéis discípulos Saigô, Tômata, Iamashita e Iokoiama — cantados em prosa e verso, retratados em romances e filmes. Saigô, moço miúdo, ergue do solo lutadores de Jûjitsu altos e muito pesados, para vencê-los num instante. É modelo do livro *Sugata Sanshirô*, já filmado várias vezes³. Tômata é o matriculado número um, sofre e alegra-se com seu mestre. Em 1940 vai para a América, divulgando o Judô por sete anos. Iamashita é o primeiro graduado décimo grau em 1935. Na América, ensina o presidente Theodore Roosevelt e os marinheiros ianques. Sua esposa ensina à do presidente, às netinhas do general confederado Lee, às senhoras da sociedade. Constituem o famoso Casal do Judô. Moram na Casa Branca, admirados por Roosevelt. Iokoiama é um homenzarrão de quase um metro e oitenta, dono de técnica espetacular.

No campeonato de Artes Marciais da Polícia Metropolitana, em 1888, empata com o famoso campeão Nakamura, do Jûjitsu, depois de cinquenta e cinco minutos. Mais um instante e teria vencido, dizem as testemunhas. Porém, o Comissário Mishima, organizador do torneio, interrompe a luta sem saber mais o que fazer. O rapaz, ainda anônimo, impressiona a todos.

Vencendo os lutadores renomados dos vários estilos, os jovens representantes do Judô Moderno provam sua superioridade. O Jûjitsu vai sendo, aos poucos, absorvido, até desaparecer.

3 – O SÍMBOLO DO KÔDÔKAN

É a flor de cerejeira branca de oito pétalas com o círculo vermelho no centro. As cores são iguais às da bandeira nipônica e ambos se parecem bastante. Seu significado, a leveza e a delicadeza do algodão envolvendo a força do ferro incandescente. Ou a delicadeza exterior, força interior.



4 – MORAL OU CAMINHO

— Por que no Judô se diz *dô* (moral ou caminho)?

— Porque — esclarece o professor Mifunê, décimo grau⁴ — é o caminho que o homem trilha naturalmente, sem movimentos forçados. O Judô é o aperfeiçoamento do corpo e do espírito. Daí não se poder pensar de outra maneira se não no **caminho que o homem trilha**.

Em suas aulas, ele exhibe uma bola aos alunos:

— A esfera é a forma perfeita do ponto de vista do equilíbrio. Porque todo movimento deve ser circular, não anguloso — arredondar o corpo na queda neutraliza o impacto. Na aplicação das técnicas também se gira o adversário. A criatura esférica espiritualmente, sem mais arestas, terá atingido a Verdade.

— Antigamente — prossegue ele — falava-se em Dois Caminhos, das Letras e das Armas. Porém, na realidade, só pode haver um Único Caminho das Letras e das Armas. Uma coisa complementa a outra.

O homem não é perfeito sem ambas. Quer dizer, não é só espírito nem só corpo para se ter o ideal. *Mente* e *corpo* são, a criatura integralmente educada e instruída.

5 – O ESPÍRITO DO JUDÔ

“Delicadamente, vencer a brutalidade”, resume seu espírito numa frase. Os estilos antigos do Jûjitsu já preconizam isso.

O Judô deve ser usado sempre para o bem. Se um praticante quer surrar os fracos e os inocentes ou se uma moça pretende dar uma lição nos machões — ambos estão completamente errados. Nem merecem pisar no recinto da academia para iniciar o treinamento. E este não consta apenas do estudo de técnicas, variadíssimas, que exigem muita perseverança.

O Judô é o cultivo do corpo paralelamente ao do espírito, para a pessoa se tornar cada vez melhor e ser útil à sociedade no sentido mais puro. Ensina a cumprir suas obrigações com responsabilidade e consciência, seja estudante ou trabalhador, dona de casa ou profissional formado.

O Judô é filosofia de vida; ensina o praticante a viver todos os minutos de sua existência. É Verdade, Bem, Beleza. Equilíbrio e harmonia totais.

O judoísta aprende a ter amor ao próximo e à paz.

6 – FILOSOFIA DO JUDÔ

Uso da Energia para o Bem — Progresso Conjunto, Próprio e dos Outros.

Esses enunciados, quarenta anos após o nascimento do Judô Moderno, constituem o coroaamento da Codificação. É o conceito filosófico máximo do Judô.

Declara o mestre Kanô:

— O Judô de Kôdôkan não desaparecerá com minha morte. Basta pesquisar e estudar com base naqueles conceitos.

Para se conseguir qualquer objetivo é imprescindível o uso sábio e racional das forças mentais-físicas nos estudos, no trabalho, na vida diária, em tudo. Projetar, imobilizar, apertar, segurar as articulações do adversário, estudo das técnicas, incluem-se no citado.

Judô não é somente o sistema para o uso melhor e mais racional das forças mentais-físicas, porém o Caminho para o uso dessas forças no sentido mais amplo, em todas as atividades existentes.

Forças Mentais-Físicas = Uso da energia para o bem
energia
O melhor e o mais racional = ou Uso benéfico da energia
maior bem

Tal é praticado no Judô como objetivo do desenvolvimento e melhoria humanos, a iluminação própria de cada um.

Mas o indivíduo convive em sociedade. Cada um de seus membros deve fazer bem sua parte, auxiliando-se, tolerando-se, harmonizando-se uns em relação aos outros. Todos, no mesmo barco, progredimos aprendendo juntos através da ajuda mútua, conjunta, inclusive cedendo um pouquinho de cada lado. Logo, **Progresso Conjunto, Próprio e dos Outros.**

Esse o ideal obtido pelo estudo do Judô, segundo o Dr. Kanô. A humildade vencendo o orgulho, o amor sobrepondo-se ao ódio, a paz expulsando a guerra da face da Terra.

7 – A CORTESIA

O Judô de Kôdôkan começa e termina com a cortesia.

Existem vários tipos de cumprimentos conforme as ocasiões, que os professores ensinam devidamente aos alunos.

Nas academias filiadas ao Kôdôkan, é praxe colocar o retrato de seu fundador na Frente ou Lugar de Honra. O praticante, mestre ou aluno, corretamente vestido e limpo, curva-se diante dele ao entrar e sair do recinto.

Se o atleta inconformado vai brigar com o juiz, que já decidiu a competição, fere frontalmente o espírito do Judô. A decisão do árbitro é sagrada. E este jamais deve ser levado pelo bairrismo ou nacionalismo. Justiça, equilíbrio, espírito esportivo são imprescindíveis. O feliz vencedor dançar no tatami diante dos juízes e do público também não prima pela boa educação. Curve-se como manda o regulamento e festeje lá fora.

Os clubes e Federações de Judô precisam esclarecer o público — o esporte merece todo o respeito. Estimule-se o competidor dizendo: Força, Fulano! — mas sem exagero. É também permitido aplaudir uma atuação brilhante.

Sempre cortesmente, pois — **o Judô é e será sempre uma competição de cavalheiros.**

8 – FINALIDADES DO JUDÔ

- 1) Fortalecer o físico.
- 2) Fortalecer e cultivar o espírito.
- 3) Defesa própria.

A prática do Judô Verdadeiro com nobre intenção cultiva, automaticamente, o espírito forte, digno e harmonioso. Adquirem-se, assim, o ardor e o espírito de luta, que permitirão, à pessoa, enfrentar voluntariamente os problemas difíceis da vida prática, sem recuar diante dos obstáculos.

O Judô obriga à unificação do corpo e do espírito — para isso, é imprescindível o domínio de si próprio para dominar o contendor.

Assim, o praticante ganha as seguintes virtudes: Vigor, Decisão, Perseverança, Serenidade, Rapidez no Julgamento e Profundidade no Pensamento.

Desenvolve o senso estético por seus movimentos expressivos; nenhum movimento é desprezado no estudo à Procura da Verdade. Resultam, daí, a humildade e o alto desenvolvimento da personalidade.

O Judô, pela natureza de sua técnica, torna-se questão de consciência e lealdade. Principal e especialmente nas competições, requer-se o espírito esportivo.

Luta-se lealmente e obedece-se incondicionalmente à decisão do árbitro. Importa mais a atitude de como venceu ou foi vencido e menos o resultado da competição. Não se deve vangloriar da vitória ou humilhar-se na derrota. Resulta, então, o cultivo do verdadeiro espírito esportivo.

A prática do Judô tem por fim, através do exercício técnico, adquirir corpo e espírito perfeitos e aperfeiçoar-se a si próprio. Portanto, seus praticantes, tanto nos treinos como no dia-a-dia, nunca devem esquecer-se disso. Através da técnica, entra-se na moral: por mais acirrada seja a contenda, ela é uma **competição de cavalheiros** e sua atitude, a de **procura da moral.**

O silêncio, o respeito ao próximo, a obediência ao mestre, o guiar e tratar com carinho os novos — tudo isso deve ser cumprido dentro da academia. Observar atento os treinos dos colegas durante o descanso para descobrir seus pontos positivos é imprescindível para se corrigir os próprios pontos fracos.

O treinamento é árduo, mas à medida que se vencem as dificuldades, automaticamente se compreenderá a lógica e a moral.

9 – A DIVULGAÇÃO DO JUDÔ

O mestre Kanô sempre toma o cuidado de divulgar o Judô, através de explicações e demonstrações práticas, à elite ocidental residente ou em visita ao Japão. Nas viagens ao exterior, aproveita todas as oportunidades para a difusão e o esclarecimento acerca do Judô de Kôdôkan. Envia depois vários instrutores para quase todas as partes do mundo.

Assim, antes da Segunda Guerra, cinquenta e cinco países conhecem o Judô, em escolas públicas e Universidades, nas forças armadas, na polícia, havendo até Associações de Faixas-Pretas em várias cidades. Da Inglaterra à França, da Hungria — onde é publicado o primeiro livro a respeito fora do Japão, traduzido para outros idiomas — até à Alemanha, que chega a ter o maior número de praticantes excetuando o país de origem. Na Itália, onde o embaixador japonês Suguimura, sétimo grau, faz pessoalmente a arbitragem nos torneios. Das Américas à África e Ásia — o poeta hindu Tagore, entusiasta, pede instrução para quatrocentos universitários... o entusiasmo é enorme.

O intervalo 1939—45 engaveta, por muito tempo, os Jogos Olímpicos de 1940, programados no Japão. O estrangeiro quase esquece o Judô. Mas o fio é retomado, vão estudantes dos países mais longínquos estudar no Kôdôkan, a Meca do Judô. Predominam os calouros, provocando o comentário do mestre Mifunê:

— Em meu tempo, era maior o número de faixas-pretas e marrons de várias cidades vindo à capital para se aperfeiçoarem.

O Judô é universal como tanto desejara seu fundador.

1956 — o primeiro campeonato mundial. Desde 1964, está incluído nas Olimpíadas.

Ultrapassada a longa fase de encarar o Judô feminino como parte da educação puramente (5), os campeonatos iniciam-se nos anos setenta, no Brasil em 1980. As moças participam já dos Jogos Panamericanos, mas ainda não dos Olímpicos, apesar dos pedidos insistentes.

A sede nova do Kôdôkan, em local bem acessível, engloba, tal como a anterior na mesma avenida, as Federações Japonesa e Internacional, comemorando os cento e dois anos do Judô Moderno.

10 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Judô se caracteriza pelo amadorismo. O Kôdôkan não se responsabiliza pelos campeões que se profissionalizam.

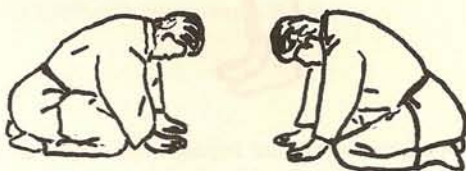
Também não pode o atleta receber presentes de grande valor, fazer publicidade de quaisquer produtos, atuar junto a artistas de cinema, teatro e televisão, mesmo sem ganhar um centavo. Nem enfrentar lutadores de quaisquer outros estilos.

Jamais se enfrenta a força com a força segundo os ensinamentos do Dr. Kanô. A popularização crescente do Judô tende a desviá-lo de suas características e objetivos: a prática do **Judô-força**, para vencer

nas competições tão somente, as quais constituem o meio de aperfeiçoamento, **não é o fim de tudo.**

Reduzir o Judô a simples sistema de defesa e ataque é também subestimá-lo, não compreender a complexidade e riqueza do sistema (6).

Apenas o conhecimento racional, consciente, da História, Filosofia, do Espírito do Judô Verdadeiro colocará o praticante atual no Caminho do auto-conhecimento, do bem-viver consigo próprio e em sociedade, contribuindo para a melhoria deste mundo tão conturbado pela ignorância e ambição.



1. O judô de Kôdôkan começa e termina com a cortesia.



2. *Katajiruma* ou Roda de Ombros — uma das Técnicas de Projeção de Braços, uma das três Formas de Projeção de Braços, fazendo parte de exercícios pré-combinados.



3. *Tsurikômigoshi* ou Quadril Dependurado – uma das Técnicas de Projeção de Quadrís. Também uma das três Formas de Projeção de Quadrís. Existem, ainda, três Formas de Projeção de Pernas. Para a promoção ao primeiro grau da faixa-preta, o candidato(a) deve aprender as nove Formas citadas e apresentar-se ante um júri de professores.



4. Finalização de *Nanameuti* ou Ataque Enviezado, uma das Formas de Delicadeza, que possui quinze movimentos. O Dr. Kanô criou-as especialmente para as mulheres.

NOTAS:

1. Ver “Literatura Japonesa – 712 – 1868”, ensaio da autora, Editora do Escritor, 1979.
2. “O Pai da Educação Integral”, publicado no THOT, nº 36 – 1984.
3. Pelo menos três vezes, em diferentes estúdios, com vários diretores, inclusive Kurosawa. Da última, o Codificador é vivido pelo famoso ator Mifunê. O romance é de Tômida Tsunéo – 1904 – 1967 – filho de Tômida Tsunejirô, que com Saigô Shirô, diploma-se em 1833 como primeiro grau da faixa-preta, os primeiros da História. O escritor é quinto grau, o livro data de 1943, sendo grande sucesso até hoje. Os nomes aparecem trocados: o mestre Kanô é Iano. Tômida é Tôda, Saigô é Sugata. Ele também é intelectual, excelente escritor quando deixa as lutas.
4. Mifune Kuizô – 1833 – 1965 – Um dos últimos décimo-graus. Existiram só nove até hoje, todos já falecidos. Professor de Educação Física, grande campeão na juventude, escreve um livro de memórias. Nos anos sessenta tivemos a oportunidade de assistir a um documentário a seu respeito. Seus movimentos, todos perfeitos, prendiam a respiração da assistência. Um dos melhores exemplos de *lúguen* ou Beleza Sublime, transcendental. Ver “Iniciação na Flor” em THOT, nº 35, 1984.
5. O Dr. Kanô aceita alunas esporádicas algum tempo depois da fundação do Kôdôkan. Porém a seção feminina é inaugurada oficialmente em 1923, com universitárias aristocratas. A primeira faixa-preta diploma-se em 1923. É considerado (a) professor(a) o(a) praticante a partir do quarto grau. A mais alta graduação feminina é de sexto: a sra. Norítomi, que vem da década de trinta. Torneios internos de classificação existiam há muitos anos. Como o fundador faleceu em 1938, não teve tempo para pensar em competições femininas. Tornar as moças saudáveis e independentes era a meta da época.
6. Há exercícios livres e pré-combinados. Existem técnicas de Projeção em número de quarenta e cinco, trinta e cinco de Imobilização – Técnicas de Ataque aos Pontos Vitais. Estão sistematizados em onze tipos de exercícios combinados, cada qual com uma média de quinze movimentos diferentes. O mais numeroso, com quarenta. Há também o método de respiração artificial, envolvendo conhecimentos de Anatomia.

EICO SUZUKI

NÃO ADIE MAIS UM ENCONTRO CONSIGO MESMO!

Faça sua inscrição
para o Curso Livre:

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO

ÉTICA: *aspectos ético-filosóficos do Bramanismo e Budismo (leitura comentada de Bhagavad Gita, A Voz do Silêncio e Dhammapada); o pensamento ético de Aristóteles, Plotino, Kant e Bertrand Russell; a ética cristã.*


FILOSOFIA DA HISTÓRIA: *introdução ao caráter geral da História; fundamentos teóricos; ciclos e ritmos históricos; História e Mitologia; teorias históricas de Cícero e Platão.*

SÓCIO-POLÍTICA: *análise comparativa de indivíduo, sociedade e estado, na visão clássica e moderna; a moral como fundamento do direito social e do dever político; estado liberal e estado dirigido.*

IDADE MÍNIMA: 18 ANOS
AULAS UMA VEZ POR SEMANA
DURAÇÃO: 22 AULAS
INÍCIO TODOS OS MESES



INFORMAÇÕES:
RUA LEÔNCIO DE CARVALHO, 99
PARAÍSO – SÃO PAULO
SP. FONE: 288.7356.



**Graças a Deus,
tudo pode
ser aperfeiçoado
nesta vida.**

**Vamos dar-nos um tempo para
autoconhecer-nos,
Vamos dar um tempo aos nossos semelhantes
e conhecê-los.
Vamos melhorar a cada dia nesta vida.**



POLYCHROM

FOTOLITO POLYCHROM - AV. IMP. LEOPOLDINA, 1434
V. HAMBURGUESA - SP - 261-7199 - 261-7118